

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

LUIZA EBERT DE OLIVEIRA

**IMIGRANTES PORTUGUESAS EM CAXIAS DO SUL/RS (1954-1960):
SOCIABILIDADES E EXPERIÊNCIAS**

**FLORIANÓPOLIS
2022**

LUIZA EBERT DE OLIVEIRA

**IMIGRANTES PORTUGUESAS EM CAXIAS DO SUL/RS (1954-1960):
SOCIABILIDADES E EXPERIÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História. Orientadora: Profª. Drª. Maria Teresa Santos Cunha.

**FLORIANÓPOLIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,**

com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Luiza Ebert de

Imigrantes portuguesas em Caxias do Sul/RS (1954-1960) :
sociabilidades e experiências / Luiza Ebert de Oliveira. -- 2022.
89 p.

Orientadora: Maria Teresa Santos Cunha
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2022.

1. Imigração. 2. Mulheres. 3. Caxias do Sul. 4. Arquivos
Pessoais. 5. História do Tempo Presente. I. Cunha, Maria Teresa
Santos. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de
Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em
História. III. Título.

LUIZA EBERT DE OLIVEIRA

IMIGRANTES PORTUGUESAS EM CAXIAS DO SUL/RS (1954-1960): SOCIABILIDADES E EXPERIÊNCIAS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha (Orientadora)
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membros:

Prof^a. Dr^a. Sílvia Maria Favero Arend
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Prof^a. Dr^a. Eliana Rela
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Florianópolis, 5 de outubro de 2022

À vó Xanda (*in memorian*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar e sempre, aos meus pais, Ane e Luiz, pelo amor e apoio incondicional. Obrigada por sempre estarem ao meu lado em cada decisão que tomei e sempre torcerem por mim e pelo meu sucesso. Nas vezes que pensei em desistir, vocês me deram força e segurança para continuar. Se não fosse por vocês e por tudo o que vocês me ensinaram sobre a vida e sobre viver, eu não seria quem sou hoje. Vocês até podem dizer que têm muito orgulho de me ter como filha, mas o orgulho maior é o meu, de ter vocês como meus pais!

Agradeço à minha orientadora, historiadora e professora extraordinária, Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha, por ter me ensinado tanto, por ter me acolhido como sua orientanda e por todo o apoio e contribuições excepcionais a este trabalho. A gratidão pela sua dedicação é ainda maior pelo fato de termos tido todas as nossas reuniões à distância, diante das dificuldades que essa realidade coloca no nosso trabalho. Fico muito feliz que os nossos caminhos tenham se cruzado.

Agradeço a todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) pelas aulas e reflexões proporcionadas, que contribuíram para a lapidação desse trabalho. Agradecimento em especial para a Prof^a. Dr^a. Sílvia Maria Fávero Arend, que esteve presente desde o início da minha trajetória na Pós-Graduação, entrevistando-me na seleção, acolhendo-me como estagiária e aceitando compor banca de qualificação e defesa. Obrigada pelas trocas que tivemos. Agradeço também à Prof^a. Dr^a. Eliana Rela, presente na minha trajetória desde a graduação na Universidade de Caxias do Sul (UCS), por ter aceitado estar na banca e pela leitura altamente qualificada do trabalho, desde a qualificação até a versão final.

Agradeço à equipe do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami pelo ótimo atendimento, auxílio e solicitude durante minhas pesquisas por lá.

Agradeço a Pâmela, por, em primeiro lugar, ter entrado no mesmo elevador que eu na época que eu estava ainda rascunhando o projeto de pesquisa para a seleção, e termos conversado sobre isso. Acho que era pra ser! *Gracias* por ter me ajudado tanto - ainda mais durante a loucura que foi o começo da pandemia - na elaboração do projeto. Se não fosse pela tua leitura e sugestões, acho que eu não teria conseguido.

Agradeço ao meu namorado, Gregor, por estar ao meu lado de forma muito compreensiva e amorosa durante esses anos todos de vida acadêmica - me acompanhou para todo canto para apresentar trabalhos de iniciação científica, figurou nos agradecimentos do

meu TCC, me inspirou a fazer o Mestrado em Florianópolis, me entendeu e me ajudou nos momentos difíceis que tive e que pensei em desistir.

Agradeço aos amigos e amigas que já estavam comigo antes disso tudo e também que eu conheci por causa do Mestrado. Arthur, Carla, Geovana, Isabella, Nicole e Paulo, por não largarem a minha mão mesmo com as minhas ausências. Ramon pelas conversas sobre a vida acadêmica e por ter emprestado muitos livros. Agora eu posso devolver tudo! Rame, pelas trocas, leituras e desabafos. E Clube dos 5, quem diria que em 2020 estariámos fazendo amigos virtuais? Obrigada pelas risadas e companhia nas chamadas de vídeo depois das aulas de Teoria: vocês tornaram o processo menos solitário. Por fim, ao Coro Juvenil do Moinho UCS, pelo acolhimento e pela oportunidade de me expressar através de uma voz que dança e de um corpo que canta.

Um dia eu senti um desejo profundo
De me aventurar nesse mundo
Pra ver onde o mundo vai dar
Saí do meu canto na beira do rio
E fui prum convés de navio
Seguindo pros rumos do mar
Pisei muito porto de língua estrangeira
Amei muita moça solteira
Fiz muita cantiga por lá
Varei cordilheira, geleira e deserto
O mundo pra mim ficou perto
E a terra parou de rodar
Com o tempo
Foi dando uma coisa em meu peito
Um aperto difícil da gente explicar
Saudade, não sei bem de quê
Tristeza, não sei bem por quê
Vontade até sem querer de chorar
Angústia de não se entender
Um tédio que a gente nem crê
Anseio de tudo esquecer e voltar, oh!
Juntei os meus troços num saco de pano
Telegrafei pra o meu mano
Dizendo que ia chegar
Agora aprendi por que o mundo dá volta
Quanto mais a gente se solta
Mais fica no mesmo lugar
(BARRETO; PINHEIRO,1998)

RESUMO

A presente pesquisa visou investigar as sociabilidades e experiências de mulheres portuguesas na cidade de Caxias do Sul/RS entre os anos de 1954 a 1960. Problematizou-se que há uma narrativa consolidada na referida cidade que parte do ponto de vista dos imigrantes italianos e seus descendentes, sem dar muita atenção para os demais grupos que participaram na formação da cidade. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é investigar as sociabilidades e experiências de imigrantes portuguesas em Caxias do Sul entre 1954 e 1960, contribuindo para o conjunto de estudos historiográficos sobre mulheres e imigração na cidade. Para tal, o conjunto de documentos analisados foi heterogêneo: utilizou-se de arquivos pessoais e ego-documentos, além de pesquisa em jornais, transcrições de entrevistas, entre outros. No primeiro capítulo foi visualizado um panorama geral da imigração portuguesa em Caxias do Sul, identificando práticas culturais e sociais em diferentes temporalidades. No segundo capítulo foram conceituados arquivos pessoais e sua importância para uma história das imigrações. No terceiro capítulo narrou-se alguns fragmentos de trajetórias de imigrantes portuguesas que viveram em Caxias do Sul, buscando identificar suas expectativas, experiências e sociabilidades. Com o presente trabalho espera-se, portanto, divulgar uma narrativa sobre a presença portuguesa em Caxias do Sul, em especial sobre as mulheres que vivenciaram tal realidade, através de intermédios possíveis entre o espaço privado e a visibilidade pública.

Palavras-chave: Imigração. Mulheres. Caxias do Sul. Arquivos Pessoais. História do Tempo Presente.

ABSTRACT

This research aims to investigate sociabilities and experiences of Portuguese women in Caxias do Sul/RS between the years 1954 to 1960. It is problematized that there is a consolidated narrative in the city that privileges the point of view of Italian immigrants and their descendants, without too much attention given to other groups that took part in the formation of the city. Thus, the objective of this work is to investigate the sociabilities of female Portuguese immigrants in Caxias do Sul between 1954 and 1960, contributing to the series of historiographic studies about women and immigration in the city. To this end, the group of analyzed documents is diverse: personal archives and ego-documents were used, as well as newspapers, interview transcripts, among others. In the first chapter, there is a general view of the Portuguese immigration in Caxias do Sul, identifying cultural and social practices in different temporalities. In the second chapter, personal archives are conceived, along with its importance for a history of immigrations. In the third chapter, some Portuguese immigrants' fragments of trajectories in Caxias do Sul were narrated, with the aim to identify their expectations, experiences and sociabilities. It is expected, therefore, to disseminate a narrative about the Portuguese presence in Caxias do Sul, especially about the women who lived such reality, through possible intermediates between private space and public visibility.

Keywords: Immigration. Women. Caxias do Sul. Personal Archives. History of the Present Time.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do Estado do Rio Grande do Sul no Brasil	14
Figura 2 - Localização de Caxias do Sul no Estado do Rio Grande do Sul	15
Figura 3 - Mapa do centro de Caxias do Sul	25
Figura 4 - Trecho retirado do jornal “O Momento” sobre melhorias na Luiz Antunes&Cia .	31
Figura 5 - Casa Prataviera na década de 1950 vista pela Av. Júlio de Castilhos.....	33
Figura 6 - Shopping Prataviera em 2019 vista pela Av. Júlio de Castilhos.....	34
Figura 7 - Trecho retirado do jornal O Regional sobre sede social do Clube Lusitano.....	39
Figura 8 - Trecho retirado do jornal “O Popular” sobre sede social do Clube Lusitano.....	40
Figura 9 - Trecho de carta recebida por A.C. de uma amiga de Albufeira (08/03/1954).....	47
Figura 10 - Trecho da carta da figura 9.....	47
Figura 11 - Trecho da carta da figura 9.....	48
Figura 12 - Caixa de polipropileno contendo arquivo pessoal.....	52
Figura 13 - Caixa de polipropileno contendo arquivo pessoal (interior).....	52
Figura 14 - Caixa de polipropileno contendo arquivo pessoal (conteúdo).....	52
Figura 15 - folha com instruções de tricô (01/01/1954).....	57
Figura 16 - Dedicatória ampliada da folha com instruções de tricô.....	58
Figura 17 - Trecho de carta recebida por A.C. (05/12/1953).....	64
Figura 18 - Trecho de carta recebida por A.C. (26/02/1954).....	65
Figura 19 - Postal vindo de Estremoz, Portugal, recebido por A.C. no Brasil (22/05/1954)...	65
Figura 20 - trecho de carta recebida por A.C. (26/04/1954).....	68
Figura 21 - Trecho de carta vinda de Portugal recebida por A.C. no Brasil (28/03/1959).....	69
Figura 22 - Trecho de carta vinda de Portugal recebida por A.C. no Brasil (28/03/1959).....	70
Figura 23 - Trecho de carta vinda de Safi, Marrocos, recebida por A.C. no Brasil.....	73
Figura 24 - Trecho ampliado da Figura 23.....	74
Figura 25 - Cartões postais de Albufeira e Algarve (data aproximada: 1990).....	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHMJSA	Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UCS	Universidade de Caxias do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CAXIAS DO SUL E A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA	24
2.1	UMA HISTÓRIA DE CAXIAS DO SUL: IMIGRANTES	25
2.2	PRÁTICAS SOCIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE PORTUGUESA EM CAXIAS DO SUL (1911-1960): SOCIABILIDADES	36
3	PRESENÇAS PORTUGUESAS EM CAXIAS DO SUL: OS ARQUIVOS PESSOAIS E OS EGO-DOCUMENTOS	45
3.1	GUARDAR PARA NÃO ESQUECER: IMIGRAÇÃO, MEMÓRIA E ARQUIVOS PESSOAIS	46
4	DISSIPANDO A NÉVOA DA INVISIBILIDADE: PORTUGUESAS EM CAXIAS DO SUL - RS (1954-1960)	61
4.1	“QUE BREVE ME DIGAS QUE VAIS CASAR COM UM BRASILEIRO RICO”: ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTE DE EXPECTATIVA DAS IMIGRANTES PORTUGUESAS	62
4.1.1	“ <i>Julgo que já deve estar uma autêntica brasileira?</i> ”: fragmentos da trajetória imigrante de A.C.	63
4.1.2	“ <i>Apetecia-me ter asas para poder voar, para que nas horas de saudade pudesse ver todos os que estão longe</i> ”: pedagogias da saudade nas cartas de imigrantes portuguesas	66
4.1.3	“ <i>Vejo que foi o eleito do teu coração</i> ”: o amor e o casamento	67
4.1.4	Com a palavra, as filhas e filhos: experiências de imigrantes portuguesas narradas por seus descendentes	70
4.2	“ <i>GEOGRAFIA DAS LEMBRANÇAS</i> ”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	82
	APÊNDICE A - RELAÇÃO DE FONTES DOCUMENTAIS CITADAS	88

**APÊNDICE B - RELAÇÃO DE FONTES DOCUMENTAIS UTILIZADAS NOS
CAPÍTULOS 2, 3 E 4**

89

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o projeto de nação idealizado nos primeiros anos do período republicano - industrializado e higienista - teve continuidade nas primeiras décadas do século XX. Foi priorizada a mão-de-obra branca e europeia, que chegou em grandes contingentes para fazer parte dessa “nova” sociedade. Atrelado ao processo de modernização, viu-se desenvolver os centros urbanos e, neles, novos espaços de sociabilidades. É decorrente desse contexto que foi açãoada uma política de povoamento com europeus das terras na região Nordeste do Rio Grande do Sul, diante da política migratória brasileira que visava, entre outros, “embranquecer” a população (GOMES, 2007).

Em 1875 foi criada a Colônia aos Fundos de Nova Palmira, com a ocupação de imigrantes italianos. Em 1877, recebeu o nome de Colônia Caxias e foi elevada à sede administrativa da colonização da região, e em 1910 se tornou cidade - a cidade de Caxias do Sul (MACHADO, 2001, p. 25). A cidade assistiu à valorização do centro urbano à medida que a economia crescia, movida pelo comércio e pela industrialização, crescendo também o número de trabalhadores. O setor industrial que mais se desenvolveu e se expandiu foi a vitivinicultura.

Figura 1 - Localização do Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.



Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_do_Sul>

Figura 2 - Localização de Caxias do Sul no Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caxias_do_Sul>

Caxias do Sul, apesar de ser uma cidade do estado do Rio Grande do Sul conhecida pela imigração italiana, passou a receber também trabalhadores portugueses especialmente a partir de 1911. Dessa forma, a cidade viu se consolidar uma comunidade de imigrantes portugueses nas primeiras décadas do século XX, e tal presença está evidenciada no fato de uma região da cidade onde residiam ficou conhecida como Bairro Lusitano (MACHADO, 2001). De acordo com Villas Bôas e Padilla (2007), o número de imigrantes portugueses em todo o Brasil atingiu cifras significativas, representando cerca de 30% de estrangeiros em solo brasileiro pelo menos até a década de 1980. As mesmas autoras afirmam, ainda, que

a emigração portuguesa para o Brasil tem a sua marca na história de Portugal. Em geral, pode-se afirmar que apresenta duas características singulares se comparada com os outros grupos de imigrantes nesse país: a regularidade dos fluxos ao longo do tempo e a forte presença numérica. (VILLAS BÔAS; PADILLA, 2007, p. 403).

No entanto, para Klein, “a comunidade lusa [em Caxias do Sul] praticamente desapareceu; em contrapartida, a organização social de origem italiana, etnicamente homogeneizada, tornou-se hegemônica” (1984, p. 12-13). Mas isso não significou um declínio

grande da imigração portuguesa na cidade. Diversas entrevistas dadas ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJS) em Caxias do Sul, atestam que esse fluxo migratório continuou mesmo depois dos estudos realizados por Klein. No decorrer da pesquisa para esta dissertação foram encontrados, por meio das entrevistas do AHMJS, registros de um grupo de portugueses que imigraram para Caxias do Sul para trabalhar com construção civil, como pedreiros ou projetistas.¹

A imigração portuguesa para o Brasil, que era de contingentes predominantemente masculinos até a segunda metade do século XIX, passou a assumir uma maior proporção feminina e caráter familiar (GRANGEIA, 2017, p. 4). Para Matos e Menezes (2017) as mulheres, de um modo geral, sempre estiveram presentes nos processos migratórios. Era comum elas chegarem ao Brasil na companhia da família ou dos filhos, embora também houvesse migração de mulheres solteiras. Os estudos que privilegiam as vivências das mulheres portuguesas são poucos se comparados com estudos sobre outras etnias - principalmente no sul do país -, sendo um fenômeno mais recente.

Uma disputa de narrativas em Caxias do Sul levou a certa etnização de sua história. A narrativa italiana, notadamente masculina, tem predominado não só em relação à portuguesa mas, igualmente, em relação às diversas etnias que formaram e formam a cidade. O passado pode ser frequentemente rememorado nas festas, na literatura, nos espaços de memória, como um uníssono, quando as pesquisas evidenciam que ele foi polifônico, como sinalizam as fontes documentais utilizadas por esta pesquisa onde é possível perceber que portugueses e portuguesas buscaram encontrar seus espaços - ou suas reverberações - na cidade.

De acordo com Bosi, a memória “aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (2003, p. 36). Tal força subjetiva tem uma função de extrema importância na existência dos sujeitos, pois ela traz uma representação do passado a partir de demandas do presente, fazendo com que ambos os tempos interajam, interferindo no curso atual das próprias representações (BOSI, 2003). É perceptível, portanto, a existência do que Traverso (2007) chama de memórias “fortes” e memórias “fracas”. Segundo o autor, da interação permanente entre história e memória deriva uma relação privilegiada entre as memórias “fortes” e a escrita da história: “cuanto más fuerte es la memoria - en términos de reconocimiento público e institucional - el pasado del cual

¹ É importante observar que essas entrevistas, embora quantitativamente diminutas, já denotam uma importância dada ao grupo de portugueses pela sua produção e armazenamento. Sendo uma parte delas mais direcionadas à história da Cantina Luiz Antunes & Cia., seus funcionários, etc. elas não deixam de transparecer a presença portuguesa na cidade.

ésta es un vector se torna más susceptible de ser explorado y transformado en historia.” (TRAVERSO, 2007, p. 88).²

O que se faz constitutivo da memória, segundo Joutard (2007), é o esquecimento. Este pode ser de duas ordens: “há o esquecimento daquilo que parece insignificante e não merece ser relembrado; e há o ‘esquecimento de ocultação’, o esquecimento voluntário, aquele do qual não se quer ter lembranças, porque ele perturba a imagem que se tem de si” (JOUTARD, 2007, p. 223). Se uma determinada recordação do passado é institucionalizada, organizada em museus, transformada em espetáculo, ritualizada, reificada, ela se transforma em memória coletiva, uma vez que foi selecionada e reinterpretada de acordo com as sensibilidades culturais, as interrogações éticas e as conveniências políticas do presente (TRAVERSO, 2007, p. 68). Assim, o esquecimento acaba sendo também uma escolha política, assumindo, segundo Ricoeur (2007), proporções gigantescas na história da memória coletiva que apenas a história é capaz de trazer à luz.

Convém, também, levar em conta as considerações de Ricoeur (2007) sobre duas leituras do esquecimento: a primeira é a ideia do esquecimento definitivo, o esquecimento por apagamento de rastros. A segunda é a ideia de um esquecimento reversível: “de um lado o esquecimento nos amedronta (...) De outro, saudamos como uma pequena felicidade o retorno de um fragmento do passado arrancado, como se diz, do esquecimento” (RICOEUR, 2007, p. 427). De tal forma, esse trabalho considera a segunda ideia, de um retorno de um fragmento do passado, como uma possibilidade de superar o esquecimento do grupo estudado.

Levando em conta a presença de diversos outros grupos étnicos na formação da cidade, pode-se dizer que a mesma presença não se aplica na memória oficial. Pollak (1989, p. 13) afirma que “um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação”. Ainda que a produção acadêmica sobre imigrantes portugueses/as no Brasil seja um fenômeno mais recente, se comparada com a de outras etnias, esta tem merecido atenção nos estudos de Maria Izilda Santos de Matos (2008; 2014), e os conjuntamente com Lená Medeiros Menezes (2017; 2018). Contando com o não esquecimento, é possível criar possibilidades de comunicação e gerir a memória de uma maneira que ela se torne mais inclusiva a todos e todas, fazendo emergir o que Pollak (1989) chamou de memórias subterrâneas: são aquelas que aparecem quando há uma clivagem entre a memória dominante e a memória de grupos minoritários, opostos à sociedade englobante.

² Quanto mais forte é a memória - em termos de reconhecimento público e institucional - o passado do qual esta é um vetor se torna mais suscetível de ser explorado e transformado em história. (Tradução da autora).

Decorrente da relação de proximidade entre as memórias fortes e a escrita da história aliadas à questão do esquecimento já nomeada (RICOEUR, 2007, p. 427), emerge o meu problema de pesquisa: as memórias de imigrantes portuguesas na cidade de Caxias do Sul ainda não encontraram uma escuta pelas vias da historiografia, haja vista que a narrativa predominante - endossada, inclusive, pelo poder público - tem uma versão ainda muito focalizada com as lentes da imigração italiana. A existência de uma comunidade portuguesa na cidade vai de encontro à carência de pesquisas específicas para a construção de um quadro mais abrangente da formação histórica da cidade. Mas como o lembrado e o esquecido são resultados de uma escolha do presente, consoante à análise de Bosi (2003) e de uma tensão entre memória e esquecimento, segundo Ricoeur (2007), os segmentos sociais mais influentes e menos esquecidos deixam suas marcas na representação coletiva da cidade.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as sociabilidades de imigrantes portuguesas em Caxias do Sul entre 1954 e 1960, contribuindo para o conjunto de estudos historiográficos sobre mulheres e imigração na cidade. Este recorte temporal foi escolhido pois trata do ano da chegada da jovem imigrante A.C. em Caxias do Sul - e cujos arquivos pessoais foram investigados - até o nascimento do seu primeiro filho brasileiro. No entanto, para melhor compreensão e contextualização do objeto de pesquisa, durante o trabalho serão abordadas outras temporalidades (1910 - 1960). Nesse sentido, recorre-se às propostas de Koselleck para elucidar o uso destes tempos diversos que permitem “separar analiticamente os diversos planos temporais em que as pessoas se movimentam, os acontecimentos se desenrolam e os pressupostos de duração mais longa são investigados” (KOSELLECK, 2014, p. 19), ou seja, como estes tempos diferenciados vão constituindo o dito presente.

Neste momento considero oportuno dizer que todo o período em que me debrucei sobre esse trabalho se deu durante a pandemia de COVID-19, o que impossibilitou que eu seguisse a pesquisa como eu havia planejado no começo. Não somente eu nunca tive uma aula presencial no Programa de Pós-Graduação da UDESC, como todas as reuniões de orientação foram online. As medidas de isolamento social tornaram mais difícil o acesso ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami entre 2020 e 2021. Além do mais, a ideia era ter ido a campo, coletado entrevistas para ouvir pessoas que não haviam sido ouvidas ainda. Mas eu precisei recalcular a rota. Portanto, dentro do que foi possível, nasceu essa dissertação. Não era o idealizado, mas acabou mostrando caminhos para novas pesquisas daqui para frente, pois é um campo que vale ser mais explorado pela historiografia.

As fontes utilizadas fazem parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJS), já citado, em Caxias do Sul, e envolvem portugueses/as e seus

descendentes, em especial entrevistas realizadas pela equipe do AHMJSa entre os anos de 1995 a 2003. Foram analisados, também, alguns documentos integrantes do arquivo pessoal de uma imigrante portuguesa em específico, que é composto por cartas recebidas de amigos e familiares datando de 1952 até 1988, documentos emitidos pelo governo português e brasileiro entre 1953 e 1954 que autorizam sua e/imigração, conjunto de fotografias de casamentos, viagens, reformas na casa, em família, fotos no tamanho 3x4, entre outras, que datam de 1919 a 2003, documentos emitidos por cartório para construção de casa popular, certidões, etc, que foram cotejadas com as entrevistas já mencionadas. Assim, o sentido do passado permite outras abordagens a partir da visibilidade dada, no presente, a memórias até então subterrâneas, em sua maioria escondidas na intimidade e, no tempo presente, mais valorizadas no âmbito da pesquisa histórica.

As motivações para esta pesquisa sobre a imigração portuguesa em Caxias do Sul partem de experiências pessoais. Percebi que havia um potencial para aprofundar as pesquisas sobre o tema quando estagiei no Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho, fazendo a mediação de visitas ao memorial da antiga Cantina Luiz Antunes & Cia (primeiro empreendimento de um português na cidade e que foi uma referência na vitivinicultura até a década de 1980). Paralelamente a isso, durante a graduação em História encontrei em acervo familiar e particular uma daquelas caixas azuis de polipropileno (o tal “arquivo morto”) cheia dos mais diversos documentos: cartas, passaportes, fotos, certidões. Todos esses documentos pertenceram a uma mulher portuguesa, A.C.³, que migrou para Caxias do Sul. Tais circunstâncias foram propícias para que eu questionasse: como e por que uma narrativa sobre a história da cidade ganhou mais espaço que outras? E como é possível trazer outras sociabilidades e experiências para a discussão historiográfica.

Um dos termos centrais para esta pesquisa é “sociabilidades”. Ela é entendida neste trabalho como uma categoria descritiva para designar como os indivíduos agem em suas relações públicas. As pessoas envolvidas nas redes de sociabilidades não estabelecem necessariamente uma associação organizada, como instituições e corporações. O termo sociabilidades pode ser usado para descrever fenômenos de diferentes tempos, espaços e temáticas, tornando possível transitar no jogo de escalas entre a vida pública e privada das pessoas, não de forma dicotômica, mas sim complementar uma a outra (AGULHON, 1992; SCHÜTZ, 2020). Dialogando com Agulhon (1992) e Canal (2015), entende-se sociabilidade como uma maneira própria de viver em sociedade; ela designa atitudes dos indivíduos nas

³ Com o intuito de preservar a identidade da pessoa, haja vista que ela já faleceu e não foi possível obter autorização expressa dos familiares para tal, optou-se por omitir seu nome completo deste trabalho.

relações públicas, mas não implica em uma forma de associação organizada. Já a conversa entre cultura escrita e sociabilidades acontece ao passo que o epistolário é, também, um espaço de sociabilidades.

Esta pesquisa também aproveita as lentes da História da Cultura Escrita para visualizar e interpretar as fontes documentais. Segundo Castillo Gómez, a História da Cultura Escrita se ocupa do estudo da produção, difusão, uso e conservação dos objetos escritos, qualquer que seja sua materialidade ou suporte. Ela se define, também, por seu método interdisciplinar, pois deve buscar alianças com os demais saberes envolvidos no seu objeto de estudo. Por fim, seu objetivo é “desvelar cada uno de los lugares, maneras y gestos que históricamente han regido las relaciones entre el mundo del texto y el mundo de los usuarios” (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 19).⁴

Um trabalho de pesquisa dessa natureza supõe a construção de uma revisão bibliográfica que possa, focada na temática específica, explicitar trabalhos e referências conceituais que alicerçam este estudo. Dessa forma, um inventário foi feito e trabalhos foram manuseados com este critério de pertencimento, interseccionando as temáticas da história de Caxias do Sul, da imigração portuguesa, e de mulheres imigrantes.

Alguns trabalhos sobre a história de Caxias do Sul foram referência para esta pesquisa. No livro *Construindo uma cidade: Caxias do Sul - 1875/1950*, de Maria Abel Machado (2001), trata-se dos primeiros 75 anos da colonização e formação da cidade. Embora em alguns momentos seja dado um grande foco às contribuições dos italianos e ítalo-brasileiros, ainda assim é referência importante para contextualizar a imigração na cidade. A imigração portuguesa é referenciada em poucas páginas.

Sobre a imigração portuguesa em Caxias do Sul a produção é reduzida. A principal referência é a pesquisa de Cleci Eulália Favaro Klein, “De ‘Bairro Lusitano’ a ‘Zona Tronca’: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1991-1931)” (1984). Klein estabelece relações entre o apagamento da identidade portuguesa na cidade e o desprestígio do operariado português em detrimento do italiano e ítalo-brasileiro, o que, segundo ela, culminou na renomeação da área do Bairro Lusitano para Zona Tronca (um sobrenome italiano). Apesar de ter uma abordagem diferente da dessa pesquisa, focando nas lutas de classe e nos operários, o trabalho de Klein é muito importante para entender como se deu o início da presença portuguesa em Caxias do Sul, onde essas pessoas eram empregadas e alguns de seus locais de sociabilidades. Além disso, Klein sustenta a tese de que houve uma sobreposição étnica,

⁴ Desvelar cada um dos lugares, maneiras e gestos que historicamente têm regido as relações entre o mundo do texto e o mundo dos usuários (Tradução da autora).

processo que fez com que a comunidade lusa em Caxias do Sul “praticamente desaparecesse”; “em contrapartida, a organização social de origem italiana, etnicamente homogeneizada, tornou-se hegemônica” (1984, p.12-13). Esta dissertação entra em discordância com esse dito “desaparecimento” da comunidade, pois como será exposto nos próximos capítulos, portugueses e portuguesas continuaram presentes em Caxias do Sul mesmo depois dos eventos narrados por Klein. O que ocorreu não foi um desaparecimento material, mas sim a criação de uma narrativa histórica e memórias oficiais da cidade amplamente divulgada e nas quais protagonizam outros sujeitos históricos.

As produções acadêmicas sobre imigração portuguesa em outras partes do país têm crescido nos últimos anos, sendo Maria Izilda Santos de Matos e Lená Medeiros de Menezes duas importantes referências para o meu trabalho. Sua parceria de pesquisa pode ser sintetizada pelo livro *Gênero e imigração: mulheres portuguesas em foco. Rio de Janeiro e São Paulo (XIX e XX)* (MATOS; MENEZES, 2017), que dá ênfase às vivências das mulheres portuguesas no sudeste do país. Enquanto que na primeira parte são focalizados os censos, nas suas segunda e quarta partes parece haver uma mirada mais sensível ao tratar de tradições, memórias e sensibilidades. A terceira parte contém estudos de casos particulares de trajetórias e lutas de determinadas mulheres. O livro reúne um estudo bem amplo dada a diversidade de fontes e abordagens, mas que, de certa forma, aproxima a leitora dessas personagens históricas que são as mulheres portuguesas. Para dar visibilidade a essas mulheres, as historiadoras tiveram de recorrer a fontes que deixassem transparecer as práticas do cotidiano.

O capítulo *As mulheres imigrantes e suas ‘caixinhas de lembranças’: memórias, fotografias e história* (PEREIRA, 2014, p. 148-161), no e-book *Micro-História, trajetórias e imigração* (VENDRAME *et al.*, 2014), em especial, é pertinente pois a forma como a autora considera as caixinhas de lembranças de imigrantes italianas como lugares de memória inspirou a maneira como eu passei a ver uma caixa com documentos pertencentes a uma imigrante portuguesa. Para além do lugar de memória, Pereira também trata as pessoas que herdam essas caixinhas como guardiãs da memória de uma pessoa, família ou grupo.

Demais artigos referenciados, em sua maioria, estão disponíveis no sítio eletrônico do Centro De Estudos Da População, Economia e Sociedade (CEPESE), fundado pela Universidade do Porto e pela Fundação Eng. António de Almeida, e que realiza numerosas pesquisas e publicações sobre temáticas diversas, entre elas, a emigração/imigração portuguesa para o Brasil. Exemplo de produções referenciadas são as obras *Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul* (MATOS *et al.*, 2014) e *Deslocamentos & Histórias: os portugueses* (MATOS *et al.*, 2008), que são compostas por um compilado de

textos de diversos autores que se debruçaram sobre a temática da migração portuguesa e foram importantes para a compreensão desse fenômeno migratório.

Na perspectiva da História do Tempo Presente, diálogos pontuais com autores como Paul Ricoeur (2007; 2010) e Reinhart Koselleck (2006; 2014) atravessaram esse trabalho seja para iluminar aspectos da memória e do esquecimento, seja para realçar questões relativas aos variados estratos de tempo que englobam o passado, o presente e o futuro na construção de histórias particulares.

Este trabalho utiliza as ideias de horizonte de expectativa e espaço de experiência (KOSELLECK, 2014) como chaves interpretativas para o tempo histórico, pois entrelaçam o passado e o futuro considerando “que todo ato histórico se realiza com base na experiência e na expectativa dos agentes” (KOSELLECK, 2014, p. 307). Para o autor, a experiência se define com base no passado atual, acontecimentos que foram incorporados e podem ser lembrados. Nela, se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento. Já a expectativa nutre-se da experiência, mas ela se realiza no hoje, é “futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto” (KOSELLECK, 2006, p. 310).

Diante do exposto, esta dissertação apresenta-se com três capítulos, considerados a seguir.

No primeiro capítulo a história de Caxias do Sul é contextualizada no âmbito da imigração, problematizando a narrativa oficial e seus símbolos através, principalmente, da ideia de memórias “fortes” e “fracas” de Traverso (2007). O autor considera que existe um uso político do passado, onde visibilidade e reconhecimento da memória dependem da força - simbólica, política, social, intelectual, institucional, etc. - de seus portadores. Este capítulo relata o início da imigração portuguesa para a cidade, em 1910, e o perfil dos imigrantes e da imigração na referida década e nas seguintes. Por meio de excertos de jornais e de entrevistas concedidas ao AHMJSa buscou-se identificar as práticas sociais e culturais da comunidade portuguesa em Caxias do Sul, evidenciando os registros e testemunhos que essas pessoas deixaram na cidade. Assim, foi possível perceber que os espaços de sociabilidades portuguesas em Caxias do Sul, de uma maneira mais ampla, se davam por meio do trabalho em comum, atividades de lazer, a região onde moravam e estabelecimentos administrados por esses mesmos imigrantes.

No segundo capítulo a discussão é voltada para os ego-documentos e objetos biográficos. Cartas escritas e recebidas por imigrantes têm uma condição própria ao passo que sua produção é produto e consequência direta da imigração. É feito um diálogo com o

conceito de guardiãs da memória (POLLAK, 1989) e o papel destas na preservação dos documentos de imigrantes. Se documentos pessoais são práticas sociais, considero que guardar esses documentos também é. São estabelecidas relações entre registros pessoais produzidos por mulheres, que se caracterizam como memória e, por meio dessa escrita, alcançam certa visibilidade pública. Para tanto, considera-se que os registros pessoais podem corresponder a dois tipos de memória: a memória pessoal e a memória material do indivíduo. Os ego-documentos são considerados como as diversas formas de expressão escrita de sentimentos e experiências pessoais, de qualquer forma ou tamanho, no qual se esconde ou se descobre, acidental ou deliberadamente, um ego (AMELANG, 2005). Já os objetos biográficos são representativos de uma experiência, uma aventura afetiva de seus donos (BOSI, 2003; MORIN, 1969).

Por fim, no terceiro capítulo, com vistas a evidenciar as sociabilidades, espaços de experiência e horizontes de expectativa (KOSELLECK, 2006; 2014) de mulheres portuguesas em Caxias do Sul, utilizei como fonte não somente arquivos pessoais mas também entrevistas do AHMJS, buscando estabelecer um panorama histórico onde imigrantes portuguesas estão em primeiro plano. Horizonte de expectativa e espaço de experiência são uma maneira de interpretar o tempo histórico entrelaçando diferentes temporalidades. Considerando que a preservação dos vestígios materiais de uma pessoa pode ser sintomática da vontade de memória, os documentos guardados se configuram numa possibilidade de vislumbrar um mosaico maior onde as representações expressas neles se encaixam na história da cidade. Nas fontes analisadas foi possível identificar alguns fios que teciam as redes de sociabilidades de três imigrantes portuguesas, assim como alguns elementos de seus horizontes de expectativa e espaços de experiência na cidade. Neste capítulo, as memórias, sensibilidades e sociabilidades são os fios condutores numa tentativa de entrever fragmentos de trajetórias destas imigrantes portuguesas em Caxias do Sul, que, em certa medida, foram alvo de esquecimentos.

Espera-se que o trabalho contribua para dar visibilidade aos imigrantes portugueses que escolheram Caxias do Sul para viver, com foco nas vivências e sociabilidades das mulheres. Assim, almeja-se contribuir para a diversificação da historiografia da cidade colocando em evidência sujeitos históricos que tiveram menos escuta em relação a outros, através de um diálogo com os pressupostos da História do Tempo Presente em que se procura “trabalhar a História como um campo de estudos que comporte construções interpretativas dos processos e eventos que tiveram, ou têm lugar, mais especificamente a partir da segunda metade do século XX e no início deste século XXI” (ROSSATO, CUNHA, 2017. p. 164)

2 CAXIAS DO SUL E A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA

Quer dizer, Caxias é injusta comigo né? [...] Não é os caxienses, não são os caxienses, que todos me tratam bem, todos têm amizade, é a história de Caxias que é *injusta comigo*, a história. [...] (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries. Grifo meu.)

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (BENJAMIN, 1987, p. 223)

Se você perguntar para caxienses qual é a primeira coisa que vem às suas mentes quando pensam na sua cidade, as respostas serão muito diversas. Talvez esteja associada a uma memória afetiva, uma experiência, uma história de família, locais de convívio social. Ou então tenham um viés mais crítico, apontando o que os incomoda na cidade. Mas também podem ir para o viés da história, citar seus pontos turísticos, seus símbolos. Essas últimas, provavelmente, estarão debaixo de um “guarda-chuva” da colonização italiana. Qualquer que seja a resposta, Caxias do Sul, assim como muitas outras cidades, tem se demonstrado como um organismo vivo, em constante transformação e, ao mesmo tempo, comporta um registro de si mesma, pelas marcas de seu passado.

Como afirmam Martins e Corte (2009), o estudo sobre a construção de processos identitários está diretamente relacionado às formas pelas quais os grupos se territorializam e às marcas que imprimem na cena local: seja por meio de nichos econômicos, formas de morar, organizações associativas, discursos de diferenciação ou de rejeição da etnicidade. No caso dos portugueses em Caxias do Sul, é possível afirmar que este grupo deixou registros na cidade, mas não recebeu tanta atenção quanto outros.

Os primeiros imigrantes portugueses começaram a chegar em Caxias do Sul em 1910 para trabalhar nas vinícolas da cidade. Em decorrência disso, foram formando uma comunidade lusa cada vez mais expressiva, a tal ponto que a região da cidade onde mais se concentravam ficou conhecida como Bairro Lusitano. Em um segundo momento a imigração mudou suas características: começam a chegar portugueses não para trabalhar nas vinícolas, mas sim para trabalhos na construção civil, como pedreiros e projetistas. Sobre este último grupo ainda não há produção acadêmica, mas foi possível detectar sua presença nas entrevistas feitas pela equipe do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami e lá preservadas.

Esta comunidade encontrou uma maneira de manter seus laços por meio de práticas sociais e culturais diversas. A criação de uma associação operária, de um clube de futebol, de

uma sede social, entre outras práticas, são representativas dessas sociabilidades tão importantes na coesão dos grupos. Por meio de entrevistas e jornais da época é possível captar essa presença. Porém, como a cidade é um organismo vivo, em constante movimento, pode-se dizer que um deslizamento das camadas de memória praticamente “soterrou” aquelas produzidas pelos portugueses. Suas memórias não parecem estar em tanta evidência no discurso oficial da e sobre a cidade, mas memórias subterrâneas aparecem quando há uma clivagem entre a memória dominante e o reconhecimento de memórias de grupos minoritários, opostos à sociedade englobante.

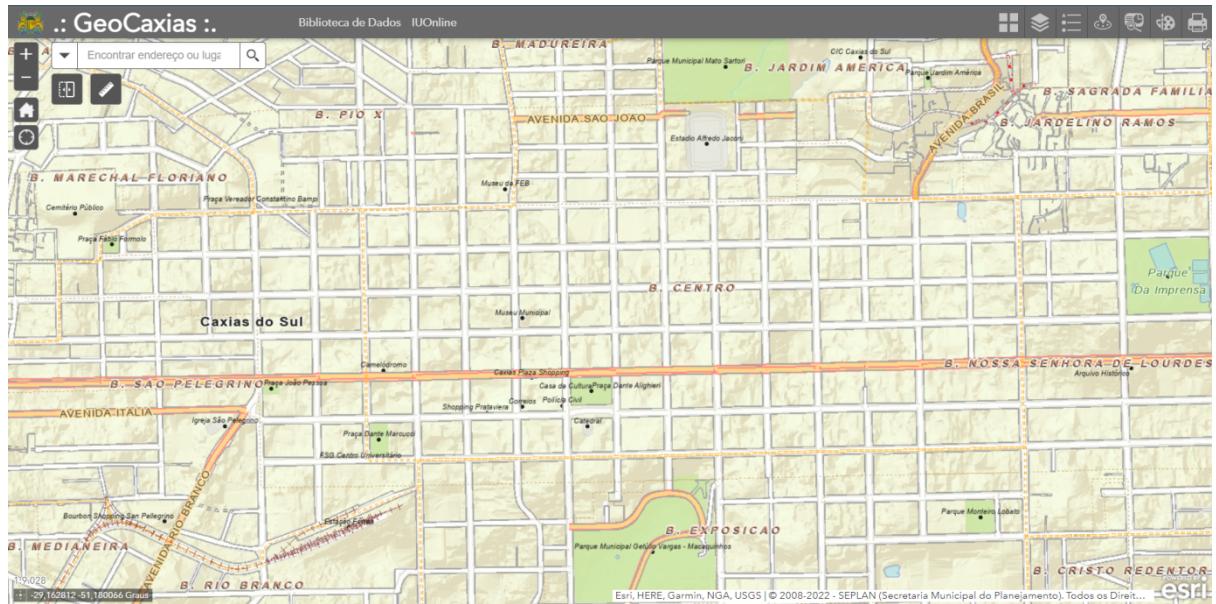
2.1 UMA HISTÓRIA DE CAXIAS DO SUL: IMIGRANTES

A cidade de Caxias do Sul é uma das muitas que surgiram a partir da vinda de imigrantes europeus ao Brasil no século XIX para ocupação das terras devolutas do Estado. O projeto do governo imperial para o povoamento da região nordeste do Rio Grande do Sul, onde Caxias do Sul está localizada, objetivava a ocupação dos espaços vazios do país aliada ao “branqueamento” da população. Segundo Machado,

A política de implantação de núcleos coloniais com base na pequena propriedade vinha sendo empregada no país desde o início do século XIX. Foi adotada pelo governo imperial com base numa proposta de mudança da política de ocupação do solo, na qual uma série de objetivos interligados constituía o próprio movimento. A necessidade de defesa do vasto território nacional, a ocupação dos espaços vazios para o desenvolvimento da agricultura, e consequentemente do comércio e da indústria que promoveria o progresso das cidades e fomentaria a criação de serviços e a infraestrutura necessária para o desenvolvimento do próprio país, são alguns desses objetivos, aliados ao branqueamento da raça, uma política assumida pela elite intelectual brasileira e pelos legisladores do Império que se preocuparam em garantir que os imigrantes europeus que viessem para o Brasil fossem brancos. (MACHADO, 2001, p. 55).

Sendo assim, o ano de 1875 assinala a chegada dos primeiros imigrantes italianos à Colônia Caxias. As dezessete léguas quadradas da colônia foram divididas em travessões, e estes, em linhas. É interessante perceber como a linha reta acompanha a trajetória da colônia e depois cidade desde o seu início, pois, mais tarde, seu núcleo urbano foi projetado em formato de tabuleiro de xadrez, ignorando qualquer acidente ou formação geográfica e visando alocar o maior número de propriedades possível (NASCIMENTO, 2009), e até o tempo presente o traçado do centro da cidade permanece, conforme evidenciado na Figura 3. Segundo Machado (2001, p. 48), “a linha determinou a estrutura social e a unidade orgânica do povoamento”.

Figura 3 - Mapa do centro de Caxias do Sul.



Fonte: Mapa Digital GeoCaxias. Disponível em:
<<https://gis.caxias.rs.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=136b9a0f5541425b91c6c9b4562be410>>.

A população imigrante então ficou à frente da execução de um projeto que não era seu, sempre sob a administração imperial luso-brasileira. O colono italiano era responsável pela derrubada da mata, construção de sua moradia e cultivo de sua subsistência. Mas, ao mesmo tempo, havia um diferencial bastante significativo, ou seja, ele era o proprietário da terra e dos instrumentos de trabalho, “num sólido vínculo jurídico com a posse da terra, segurança que não tinham os homens livres agregados das grandes fazendas na vigência da escravidão” (SANTOS *apud* MACHADO, 2001, p. 57).

O desenvolvimento do local se deu pela atuação de diversos atores sociais. Para Silva,

No plano social do espaço rural, a figura predominante é a do agricultor, que possui o conhecimento da terra, da plantação à colheita e desenvolve, na maioria das vezes, seu trabalho utilizando mão de obra familiar, que também se dedica ao artesanato, mas como atividade complementar. No espaço urbano, as figuras principais foram as do artesão, operário e comerciante. [...] Os comerciantes da vila tiveram grande participação no desenvolvimento econômico dos primórdios da cidade; eram eles que recebiam os excedentes dos agricultores e trocavam por outros produtos úteis a estes. O comerciante juntava a produção da colônia e a revendia nas aglomerações urbanas que se formavam (SILVA, 2018, p. 43)

Diante disto, em 1890 a colônia foi elevada a Município, quando já contava com aproximadamente 16 mil habitantes e era economicamente produtiva e, em 1910, por meio de um decreto do governo estadual, foi elevada à categoria de cidade (MACHADO, 2001). Caxias do Sul assistiu à valorização do centro urbano à medida que a economia crescia, movida pelo comércio e pela industrialização, crescendo também o número de trabalhadores.

Na década de 1930, Caxias do Sul já tinha sua conformação social, sendo comumente caracterizada, à época, como a cidade do trabalho. Todos deveriam ter sua ocupação, e o tempo era dividido entre o lar, o trabalho e o lazer: “as ruas consideradas espaço para movimentação ficavam desertas nos horários destinados ao trabalho ou ao estudo, porque todos deveriam estar ocupados com o papel que tinham a desempenhar no grupo social” (MACHADO, 2001, p. 275). Aqueles que estivessem fora de determinados espaços - ou tempos - eram considerados estranhos, “marginais”.

Com a vitivinicultura no seu auge, sendo considerada a indústria mais expressiva em Caxias do Sul, caracterizando a economia local, a uva era, consequentemente, o principal produto. Assim, a fruta ganhou uma festa para si. A literatura atribui aos italianos a característica festiva - “O imigrante italiano trouxe na sua bagagem cultural a ideia da festa e da feira” (MACHADO, 2001, p. 227). Entretanto, é importante destacar que em 1931, um grupo de empresários liderados por Joaquim Pedro Lisboa, um descendente de português, criou a primeira Festa da Uva de Caxias do Sul, com a finalidade de expor produtos agrícolas. Desde então, a cidade é conhecida nacionalmente por essa festividade, ainda que ela esteja associada à colonização italiana da cidade. Esta informação foi dada pelos historiadores Luiz Antônio Alves e Tânia Tonet à assessoria de imprensa da Secretaria do Turismo para uma matéria no site da prefeitura de Caxias do Sul.⁵ Na mesma matéria consta que o idealizador da Festa de Uva nasceu em Rio Pardo/ RS em 1887, descendente de açorianos e portugueses.

Joaquim Pedro Lisboa foi para Caxias do Sul a fim de trabalhar como inspetor da rede ferroviária, mas se envolveu em diversos projetos que deixaram seu nome marcado na cidade, recebendo homenagens e uma rua com seu nome. Entre seus feitos, estão a criação da Rádio Caxias em 1946, a fundação do CTG Rincão da Lealdade em 1953, a participação na formação da Academia Caxiense de Letras em 1962; também foi secretário da Associação dos Comerciantes, do Clube Juvenil e do Tiro de Guerra; contribuiu para a instalação da agência do Banco do Estado do Rio Grande do Sul em 1928; foi também inspetor do Instituto Rio-grandense do Vinho e guarda florestal. Tonet afirmou que “Joaquim Pedro Lisboa não tinha sobrenome de origem italiana e não era caxiense de nascimento, mas deixou um legado inigualável para a nossa terra e para a nossa gente” (ASSESSORIA, 2012), sendo o feito até hoje lembrado a idealização da Festa da Uva, que se confunde com a própria identidade de Caxias do Sul.

⁵ ASSESSORIA DE IMPRENSA - SETUR. Idealizador da Festa da Uva, Joaquim Pedro Lisboa deixou grande legado para a comunidade caxiense. **Prefeitura de Caxias do Sul**, Caxias do Sul, p. 1, 20 jan. 2012. Disponível em:<<https://caxias.rs.gov.br/noticias/2012/01/idealizador-da-festa-da-uva-joaquim-pedro-lisboa-deixou-grande-legado-para-a-comunidade-caxiense>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

Assim, a Festa da Uva, apesar de ter sido idealizada por um brasileiro com ascendência portuguesa e açoriana, foi quase sempre uma celebração muito associada à imigração italiana.⁶ Segundo Machado (2001, p. 249), o corso alegórico da Festa de 1950, por exemplo, contou com a participação de imigrantes italianos que “embora com idade avançada, tiveram disposição e a alegria de fazer parte da Festa, como para testemunhar a jornada iniciada em 1875, por seus compatriotas”. Portanto, e de acordo com Mocellin (2008), houve em Caxias do Sul um processo de valorização do chamado sentimento de italianidade, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, cujos agentes foram empresários e intelectuais do campo acadêmico, cultural, empresarial, entre outros, num contexto de comemorações do centenário da imigração. A mesma autora identifica três fatores que contribuíram para processo de valorização da italianidade: a constituição de um campo específico de conhecimento sobre a temática da imigração italiana; a atuação conjunta de empresários e intelectuais nas políticas de ações culturais e de desenvolvimento regional e o processo de modernização da economia local e as representações simbólicas associadas a tal processo (MOCELLIN, 2008, p. 188).

Esta característica do sentimento de italianidade, que é basilar de uma memória coletiva de Caxias do Sul, então, tem sido elaborada pelo que Traverso chama de “turismo da memória”:

Institucionalizado, ordenado en los museos, transformado en espectáculo, ritualizado, reificado, el recuerdo del pasado se transforma en memoria colectiva una vez que ha sido seleccionado y reinterpretado según las sensibilidades culturales, las interrogaciones éticas y las conveniencias políticas del presente (TRAVERSO, 2007, p. 67-68).⁷

Tais constatações permitem perceber que a visibilidade e o reconhecimento da memória, ou as memórias, dependem da força - simbólica, política, social, intelectual, institucional, etc. - de seus portadores. Utilizar a ideia de memórias “fortes” e “fracas” de Traverso (2007) é proveitoso nessa pesquisa no passo em que a narrativa que se sustenta no passado dos italianos encontra mais força do que a dos portugueses ou qualquer outro grupo étnico. Isso é refletido na historiografia, cuja elaboração reforça o entendimento de que quanto mais força tem uma memória, mais ela é suscetível de ser transformada em história - não numa situação de apenas causa e efeito, mas sim definida por diferentes contextos e

⁶ Apesar de ter havido edições do evento que buscavam celebrar a diversidade para além da italianidade, não está no escopo deste trabalho aprofundar as questões relacionadas à Festa da Uva no que tange aos seus temas e significados para a construção de identidades. Para isso, ver Branchi (2015) e Schleider (2009).

⁷ Institucionalizado, organizado nos museus, transformado em espetáculo, ritualizado, reificado, a recordação do passado se transforma em memória coletiva uma vez que tenha sido selecionado e reinterpretado segundo as sensibilidades culturais, as interrogações éticas e as conveniências políticas do presente (Tradução da autora).

múltiplas mediações possíveis em seu tempo. Nas palavras de Bosi (2003, p. 31), as memórias “são configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”.

Há, portanto, um uso político do passado, um passado real ou mítico ao redor do qual se constroem práticas para reforçar a coesão social de um grupo, legitimar certas instituições ou inculcar valores sociais (HOBSBAWM *apud* TRAVERSO, 2007, p. 68). O resultado desse processo de valorização da imigração italiana na cidade foi, de uma forma mais ampla, a identificação dos descendentes de imigrantes italianos com a produção escrita sobre o tema, mas também a produção de representações simbólicas sobre a italianidade (MOCELLIN, 2008). Branchi (2015, p. 66) considera curioso, ainda, que “essas narrativas não foram só incorporadas e re-elaboradas pelos descendentes de italianos, mas, em alguns casos, também por não descendentes”.

Assim, uma memória se produz dentro de um grupo ou segmento social mas encontra um poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe, e cabe à historiadora interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento (BOSI, 2003; RICOEUR, 2007). Tanto o som quanto o silêncio; tanto as vozes que escutamos quanto aquelas que, como afirmado por Benjamin (1987), emudeceram.

De toda forma, nem todos os não-descendentes de italianos incorporaram essas narrativas. Em uma entrevista concedida à equipe do AHMJS, Faustino Gonçalves Marrachinho, imigrante português, ao ser perguntado como ele se sentia sendo imigrante em Caxias do Sul, relata:

Então, por isso que eu te disse, agora ultimamente eles vêm corrigindo isso aí, colocando etnias e etc., dando uma oportunidade de ressalvar essa falha. E é aí que eu me sinto mal como imigrante, é aí. Quer dizer, Caxias é injusta comigo né? [...] Não é os caxienses, não são os caxienses, que todos me tratam bem, todos têm amizade, é a história de Caxias que é injusta comigo, a história. [...] As pessoas que estão na história de Caxias. [...] estou cobrando daqueles que têm a função de descobrir quem construiu essa cidade, que não foi só os italianos. (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries. Grifo meu.)

Observa-se na fala do entrevistado o que ele espera “daqueles que têm a função de descobrir quem construiu essa cidade”. A percepção demonstrada por Marrachinho de ser injustiçado pela história chama atenção não só para o tipo de narrativa predominante, que já foi mencionado reiteradas vezes nesta dissertação, mas também para o papel social da historiadora em seu tempo, destacado aqui o de fazer emergir uma visão de mundo, inscrever

as memórias diferentes em um conjunto histórico mais amplo. O que parece existir é uma expectativa de se reconhecer no passado e, ao mesmo tempo, ser reconhecido.

Joutard (2007, p. 229) utiliza a expressão de “memória modesta” para definir a memória daqueles que devem ser, antes de tudo, convencidos de que são atores da história. Marrachinho, na entrevista, aparenta não precisar de tal convencimento. O que percebo, na fala dele, é a busca por uma felicidade, chamada por Ricoeur (2010, p. 365) de pequena felicidade do reconhecimento.

A cidade de Caxias do Sul recebeu uma quantidade significativa de imigrantes portugueses a partir da década de 1910. Os primeiros chegaram para trabalhar nas empresas vitivinícolas mas, mais tarde, também começaram a vir portugueses com outras profissões, principalmente da área da construção civil. Cabe destacar que ambas ocupações - na vitivinicultura e na construção civil - tinham o perfil de trabalhador predominantemente masculino. As funções desempenhadas pelas mulheres portuguesas, foco deste trabalho, serão abordadas nos próximos capítulos.

A empresa que recebeu o nome de seu proprietário português, Luiz Antunes & Cia., cuja matriz ficava em Porto Alegre/RS estabeleceu, em 1910, uma sociedade mercantil com Domenico Tronca para atuar na comercialização de vinho. Na rua Marechal Floriano foi construído o primeiro edifício do que viria a se tornar um importante complexo industrial para a cidade (MACHADO, 1999).

A Cantina foi a que mais empregou trabalhadores dessa nacionalidade, principalmente nas tanoarias.⁸ Sendo a vitivinicultura uma das atividades econômicas mais expressivas da região, as cantinas precisavam acondicionar e transportar o vinho em recipientes adequados para manter a qualidade do produto. Para isso, era necessária uma mão-de-obra especializada na manufatura dos barris, entrando em cena os tanoeiros: “em toda a região nordeste do RS muitos imigrantes, italianos, destacaram-se nesse ofício. Em Caxias, porém, na mesma região em que a Cantina Antunes se estabeleceu, formou-se um grupo de tanoeiros portugueses” (MACHADO, 1999, p. 11) que ficou conhecida como Bairro Lusitano. Desta forma, a partir de 1910 outros portugueses começaram a imigrar para Caxias do Sul e, pouco a pouco, foram formando uma comunidade. A viagem ao Brasil era a chance e a esperança de viver uma vida melhor, assim como muitos outros imigrantes de outras nacionalidades.

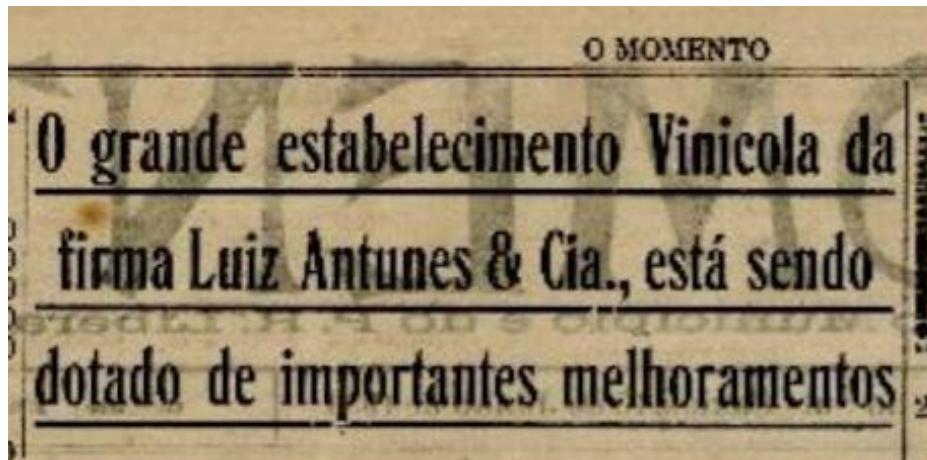
A chamada para o trabalho era feita pelos próprios portugueses que já estavam empregados e iam se instalando no local. Muitos eram solteiros, e outros, embora já tivessem formado família em Portugal, migravam sozinhos. No entanto, todos migravam com “plena

⁸ Local onde trabalha o tanoeiro, cujo ofício consiste em fazer vasilhames como barris, tonéis, etc.

capacidade produtiva, majoritariamente especializados na técnica da tanoagem [...] Tal fato permitia sua imediata absorção nas engrenagens da economia vitivinícola que tomava impulso" (FAVARO, 2002, p. 267). As cartas de chamada tinham um papel muito importante na imigração, pois se constituíam como documento obrigatório a ser apresentado nos portos brasileiros para a entrada no país.

O Bairro Lusitano ganhou um novo impulso em 1919, com a implantação da Adega São Luiz, parte do empreendimento da Luiz Antunes & Cia. A partir dali, foram construídos, além da adega, armazéns, escola para os filhos dos funcionários, capela, entre outros (MACHADO, 2001). Conforme relatou o jornal *O Momento*, em 1933 a empresa passava por reformas e ampliações:

Figura 4 - Trecho retirado do jornal “*O Momento*” sobre melhorias na Luiz Antunes & Cia.



Fonte: *O Momento*: Caxias do Sul, ano 1, n. 18, 15 jun. 1933.

A reportagem segue:

O grande e acreditado estabelecimento vinícola desta praça, Luiz Antunes & Cia, que dia a dia mais se impõe ao conceito dos mercados consumidores nos Estados do Norte, pela qualidade esmerada de seus produtos, dado o desenvolvimento cada vez maior de seus negócios e atendendo a necessidade de bem aparelhar-se [...] está procedendo a importantes melhoramentos em seus já vastos armazéns. (O GRANDE..., 1933, p. 2)

Sobre o uso de jornais e demais fontes periódicas na pesquisa em História, Luca alerta que “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê” (2008, p. 132). Segundo a mesma autora, o conteúdo desses jornais não pode ser “dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas” (2008, p. 139). No entanto, não está no escopo desta

pesquisa adentrar discussões sobre cada jornal verificado, apesar deles por si só já se constituírem em objetos de estudo muito interessantes para futuras pesquisas; os jornais tampouco são o objeto principal de análise; o objetivo é utilizá-los apenas como um meio de evidenciar a presença portuguesa na cidade e suas reverberações.

Em 23 de abril de 1928, o então governador do Rio Grande do Sul Getúlio Vargas fez uma visita a Caxias do Sul, passando por alguns estabelecimentos do comércio e da indústria, entre eles os vinhedos da Luiz Antunes & Cia. O jornal *O Regional* dedicou uma página inteira ao itinerário do governador na cidade, e sobre a visita aos vinhedos, relata: “De passagem por esta Adega a comitiva visitou os vinhedos da firma Luiz Antunes & Cia., cujo gerente, nosso amigo Armando Luiz Antunes, ministrou esclarecimentos ao dr. Getulio Vargas” (*O DR.*, 1928, p. 2). É perceptível que o estabelecimento foi tomado proporções significativas, chegando a ser uma das mais importantes do ramo principalmente entre os anos de 1930 e 1950, considerado seu apogeu (MACHADO, 1999).

A comunidade portuguesa desenvolveu, nas primeiras décadas do século XX, uma expressiva atividade societária: de um lado, havia um sistema de alojamento dos recém chegados nas casas dos já instalados, ou mesmo em pensionatos comandados por mulheres portuguesas; de outro lado, havia a abertura de frentes de trabalho para os que estavam em Portugal aguardando uma oportunidade (FAVARO, 2002, p. 268). Segundo a mesma autora, na década de 1920 o número de imigrantes portugueses em Caxias do Sul girava em torno de 300 a 500, de acordo com depoentes que não foram especificados. Nessa década, a estimativa da população total da cidade era de 33.773 habitantes, e destes, aproximadamente 7.500 eram urbanos (MACHADO, 2001).

Enquanto boa parte desses portugueses trabalhava nas vinícolas, também houve um contingente expressivo desses imigrantes contratados em São Paulo para a construção da unidade militar local, que ficaram até 1924, quando a obra foi concluída. Mais tarde, a cidade também recebeu um número importante de portugueses que vinham para trabalhar na construção civil, principalmente projetistas e pedreiros. Assim, de modo geral viu-se uma comunidade unida, com pontos profissionais, culturais, étnicos e sociais em comum, o que permitiu a formulação de um processo identitário.

Aproximadamente na década de 1940 um outro perfil profissional de imigrante português chegava na cidade. Esta nova leva de imigrantes carece de estudos mais aprofundados sobre, mas a já citada entrevista concedida por Faustino Marrachinho revela que mais pessoas integravam este grupo, haja vista que ele cita vários nomes. Pelo que o entrevistado relata, estes portugueses tinham um perfil semelhante ao dele.

Neste ponto é importante ressaltar que essa entrevista foi realizada por uma equipe do AHMJSA em outubro de 2006 e eu tive acesso à sua transcrição. Isso implica algumas particularidades dessa fonte, como a impossibilidade de escutar as pausas, a respiração, o tom de voz, ou mesmo de visualizar as expressões faciais e gestuais durante o relato, coisas que também se tornam objeto de análise num projeto de história oral. O relato também fica limitado às perguntas feitas pela entrevistadora, que foram formuladas num contexto e com objetivos específicos. Portanto, aqui a crítica ao documento se dá a partir de seu suporte escrito e é uma análise de conteúdo, como fonte jornalística, não de discurso. Além disso, é significativo levar em conta que “a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa” (BOSI, 2003, p. 20). Portanto, o que é narrado pelo entrevistado não deve ser considerado como verdade única, mas sim como uma representação do passado, uma narrativa construída em retrospecção, naquele presente da gravação, por um indivíduo. Ao mesmo tempo, partir da prerrogativa fundamental de que uma entrevista de história oral nunca é produzida para ser mentira (ALBERTI, 2008).

De volta ao relato de Marrachinho, ele conta que seu pai era pedreiro e chegou em Caxias do Sul por intermédio de um patrício seu, que exercia a mesma profissão e que posteriormente se tornou seu sogro. Segundo ele,

Esse pedreiro que mandou vir o meu pai, era um pedreiro português antigo que era da mesma cidade que nós morávamos, só que ele veio muitos anos antes, mandou buscar o meu pai. O meu pai veio e mandou buscar o meu tio. O meu tio veio e trouxe mais um amigo dele, também amigo nosso da mesma cidade, pra cá. (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries).

Marrachinho atuou como projetista e foi autor de desenhos de prédios e casas que ainda hoje estão em pé, algumas mais de 50 anos depois. Ele conta como trabalhou desenhando casas para “proprietários de posse”, de alto padrão, luxuosas. E também fez o desenho de um famoso edifício que hoje é o Shopping Prataviera, bem no centro da cidade (Figuras 5 e 6).

Figura 5 - Casa Prataviera na década de 1950 vista pela Av. Júlio de Castilhos.



Fonte: Jornal Pioneiro. Disponível em:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2022/06/um-cafe-bar-na-casa-prataviera-nos-anos-1960-cl4y8t9ja003j019ie8nox7iv.html>.

Figura 6 - Shopping Prataviera em 2019 vista pela Av. Júlio de Castilhos.



Fonte: Google Maps. Disponível em:
https://www.google.com/maps/@-29.1678802,-51.1821546,3a,75y,188.18h,109.75t/data=!3m6!1e1!3m4!1sFCONF9VDisz_X2D0p_5-hQ!2e0!7i16384!8i8192.

O trabalho, principalmente do seu pai, Manoel, tinha a característica de ser um tanto artesanal, as edificações construídas com calma e atenção aos detalhes, o que inclusive lhe rendeu o apelido de artista. Marrachinho conta que seu pai ficava nas obras fazendo tudo “com um tremendo capricho, com uma tremenda paciência, ganhando mais prazer do que dinheiro”. Aliás, segundo ele, a maioria desses trabalhadores “morreu pobre”: “[...] eles vieram aqui e só acharam espaço para ter a condição de sobreviver trabalhando com a satisfação que eles tinham de trabalhar. Daí essa capacidade de fazer essas obras que eles fizeram e que estão aí em pé”.

Ainda segundo Marrachinho, “veio uma origem depois italiana, que aprendeu aí com esses portugueses, que mudaram toda a mentalidade da construção em Caxias [...] Então esse pessoal já tinha outra mentalidade, já tinham a mentalidade de empreendedores”. Um momento interessante de sua entrevista, que pode ser uma marcação dessa alegada diferença de mentalidades, é quando ele relata um diálogo que teve uma vez com um amigo seu que era de família italiana:

Como a senhora está vendo, a minha sala biblioteca, discoteca e conjunto completo de som, são mais de 300 discos de música clássica de todos os gêneros e vários volumes de obras dos famosos escritores e romancistas. Na primeira vez que o meu colega Furlin visitou-me, ele comentou: Mas tu gastas dinheiro nestas coisas? Eu “sim, é o meu prazer”. Diz ele: “o meu é comprar terrenos!” (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries)

De acordo com o entrevistado, esses portugueses “sumiram” pois chegaram em Caxias do Sul já com uma idade relativamente avançada. Mas ficaram as suas inscrições no território, por meio das casas e edifícios que construíram. Em sua fala isso fica bastante evidente: “Mas a minha participação, como projetista, desenhista do que está aí erguido, tem a minha participação [...] Então onde as minhas netas passam eu digo ‘olha, esse edifício foi o vô quem fez, olha, essa casa foi o vô quem fez’.”

2.2 PRÁTICAS SOCIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE PORTUGUESA EM CAXIAS DO SUL (1911-1960): SOCIALIZAÇÕES

A imigração portuguesa para o sul do Brasil é um tema que tem sido pouco estudado se comparado a outras nacionalidades, de acordo com Villas Bôas e Padilla (2007). As autoras citam quatro fatores que podem ter contribuído para tal realidade: questões raciais embasadas na ideologia do branqueamento; movimento migratório português ter ocorrido de forma independente, dispersa e não organizada por entidades oficiais; presença de outros grupos étnicos na região cuja herança cultural recebeu mais atenção; e a língua em comum que facilitou a inserção dos portugueses na sociedade de destino.

Portugueses e portuguesas partiram para o Brasil por uma combinação de fatores políticos, econômicos, sociais e culturais ao longo de cinco séculos. Em concordância com o recorte espacial e principalmente temporal deste trabalho, buscarei esboçar um perfil geral desses imigrantes que aqui chegaram.

A partida para o Brasil era algo que fazia parte do imaginário e das práticas, abrindo-se assim um campo de possibilidades para os portugueses. Nos anos 1950-1960 eram econômicas e políticas as motivações para emigrar: “fuga” da pobreza e/ou do serviço militar.

O exército tomou o poder do governo português em 1926, depois de anos de instabilidade política (após instauração da República em 1910) e crise econômica (agravada pela participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial). Assim, António de Oliveira Salazar assumiu como chefe de governo de Portugal e permaneceu nesse cargo de 1932 até 1968. Este período, e mais o de 1968 até 1974, quando Marcello Caetano sucedeu Salazar, é conhecido como Estado Novo, e foi marcado pelo autoritarismo, afinidades com o fascismo, corporativismo de estado, pela autocracia e pela ditadura.

Na mesma entrevista citada anteriormente, Faustino Gonçalves Marrachinho conta que durante a Segunda Guerra Mundial houve

uma série de revoluções [em Portugal], porque nós começamos a se alimentar por intermédio de senhas, cotas de ração, nós só podíamos comprar tanto pão por dia,

tanto arroz por mês, tanto açúcar por mês, tanto isso, tanto aquilo, e produzindo um monte pra ir pra fora.[...] Terminada a guerra em [19]45 meu pai veio pra cá em [19]46, então em 45 meu pai já estava vendo a necessidade de dar um jeito de sair da minha terra. (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries)

Além do regime salazarista, as guerras coloniais (1961-1974) decorrentes da recusa de descolonizar as províncias ultramarinas foram motivadores para que muitas pessoas deixassem o país. Villas Bôas e Padilla (2007) ressaltam que esses migrantes guardavam e guardam memórias difíceis de Portugal, marcadas pelo ressentimento ou sentimento de abandono do governo Português.

Villas Bôas e Padilla esboçaram perfis de e/imigrantes, e para aqueles que fizeram a travessia entre os anos 1950 e 1960 afirmam que a solidariedade foi fundamental para o estabelecimento na nova terra. Sendo assim, a imigração portuguesa para o Brasil nesse período se constituiu como uma imigração de redes - baseada em laços com família, amigos ou mesmo conterrâneos conhecidos. Isso fica evidente no trecho da entrevista previamente citado, quando Marrachinho conta que um pedreiro havia mandado vir o seu pai, depois seu pai mandou buscar seu tio, e seu tio trouxe um amigo dele (MARRACHINHO, 2006).

Essas redes de solidariedade se materializavam, por exemplo, nas cartas de chamada. Embora usadas para comprovar vínculos e viabilizar a entrada ou saída de algum país, ou seja, procurando atender às exigências da legislação, Matos e Truzzi (2015, p. 346) afirmam que “elas devem também ser compreendidas no quadro das aspirações das partes envolvidas”. Já na chegada, auxiliavam com um lugar para morar, informações e emprego. Pode-se afirmar que esse foi o caso não só de Marrachinho mas também de muitos outros que chegaram em Caxias do Sul e trabalharam tanto na construção civil quanto nas cantinas como a Luiz Antunes & Cia.

É possível perceber algumas práticas sociais e culturais da comunidade portuguesa em Caxias do Sul de diferentes formas. Em primeiro lugar, a criação da Associação dos Tanoeiros de Caxias, em 1918. Os tanoeiros⁹ se identificavam pela sua origem e pelo seu trabalho em comum. Para Machado (2001, p. 141), “foram os portugueses que organizaram os primeiros movimentos operários de Caxias do Sul, com a criação da Associação dos Tanoeiros, e lideraram as primeiras tentativas de greves”. O jornal O Regional, no dia 6 de fevereiro de 1928, noticiou que

⁹ Profissional dedicado à fabricação de barris, tonéis, pipas etc.

No dia 1º, pela manhã, declararam-se em greve numerosos tanoeiros das diversas cantinas desta cidade [...]. Havendo temores de perturbação da ordem publica dada a exaltação de alguns elementos grevistas, o dr. Celeste Gobbato, intendente municipal, requisitou auxílio ao Governo do Estado [...]. Numerosos grevistas já voltaram ao trabalho, esperando-se que os demais, por estes dias, imitem seus companheiros. (GREVE..., 1928, p. 2)

Como afirmam Martins e Corte, “falar das identidades e memórias de grupos étnicos é também refletir o espaço em que elas se constituem, se reconfiguram e, finalmente, se movem” (2009, p. 118). A construção de uma identidade do grupo operário português em questão se movimentou no âmbito urbano, de tal forma que suas práticas se relacionam com as condições subjetivas e objetivas formuladas pelo espaço da cidade. Conforme as autoras,

A cidade e toda a complexidade que envolve a questão urbana não podem ser vistas como mero cenário para o estabelecimento dos grupos étnicos, mas, simultaneamente, como um agente, ora disciplinador, ora desagregador. Disciplinador ao estabelecer regras e limites com os quais os grupos étnicos precisam negociar para garantir sua inserção social e a construção de seus próprios lugares de memória na cena urbana. Desagregador, ao estimular conflitos intergrupos e extragrupos. Para cada uma das facetas da cidade, múltiplas identidades, múltiplas memórias (MARTINS; CORTE, 2009, p. 118).

Em depoimento utilizado no trabalho de Favaro (2002, p.276), A. Mano conta que “houve lá um que quis ‘botar’ Associação Portuguesa dos Tanoeiros, uns estavam de acordo, outros [disseram] que a origem [étnica] não tinha nada a ver com aquilo”. Portanto, mesmo que a maioria dos tanoeiros no período fosse portuguesa, é possível afirmar que, para nomear a Associação, o ofício falou mais alto que a nacionalidade - apesar das discordâncias, percebidas na fala de A. Mano.

A Associação dos Tanoeiros de Caxias não possuía sede própria. Os associados se reuniam “na casa de um português qualquer”, e os objetos pertencentes à sociedade como livros, mesa e a bandeira - esta, idealizada sob os ecos dos propósitos da Revolução Russa - ficavam onde encontravam espaço, “enquanto as contribuições dos associados - ‘uma ninharia’ - visavam auxiliar os companheiros em necessidade” (FAVARO, 2002, p. 276).

Muitas vezes a alteridade é um marcador importante na experiência dos grupos. Na ocasião das greves de 1928 e 1930, o operariado ítalo-brasileiro passava a identificar o lusitano com termos depreciativos, como sendo “uma ‘cambada de fora, comunistas e enrenqueiros’” (FAVARO, 2002, p. 279). A autora considera esse fenômeno um dos fatores que ocasionou a rápida perda do prestígio e da liderança classista que se seguiu aos movimentos grevistas dos tanoeiros.

Atividades de lazer também contribuíram para o estreitamento dos laços da comunidade. Enquanto a parte da população italiana e ítalo-brasileira de Caxias do Sul rivalizava entre duas associações esportivas, o Esporte Clube Juvenil e o Juventude, os portugueses “se organizavam com seu próprio quadro de jogadores: era uma forma de manter a comunidade coesa, em torno de seus representantes esportivos” (FAVARO, 2002, p. 268), com o Esporte Clube Lusitano.¹⁰

O clube de cores vermelha e verde foi criado pelos portugueses com a finalidade não apenas desportiva e de lazer, mas também como uma maneira de manter a organização do grupo operário durante o Estado de Sítio decretado no país, que impedia os trabalhadores de atuarem livremente nas suas associações (MACHADO, 1999).

De acordo com Favaro (2002), a construção de uma sede social, porém, demorou para acontecer, devido às condições sócio-econômicas do grupo e às longas jornadas de trabalho. O dinheiro para tal era arrecadado em festas e bailes na comunidade, e os jogadores treinavam no campo do aliado Esporte Clube Juvenil.

Finalmente, em junho de 1927, os associados podiam comemorar: estava marcada a festa de inauguração da sede social do Esporte Clube Lusitano. No entanto, “por motivo do pessimo tempo reinante estes ultimos dias”, o evento foi transferido para o dia 18 do mesmo mês, como noticiou o jornal Caxias em 11 de junho de 1927. A espera, ao que parece, valeu a pena, conforme relatam os jornais O Regional, de 20 junho de 1927 (Figura 7) e O Popular de 25 de junho de 1927 (Figura 8):

Figura 7 - Trecho retirado do jornal O Regional sobre sede social do Clube Lusitano

¹⁰ Em alguns jornais da época o mesmo clube aparece como Sport Club Lusitano, Sport Club Lusitano, Club Lusitano ou Club Lusitano, entre outros. Devido às divergências da grafia do nome na época, optei por usar neste trabalho Esporte Clube Lusitano, que é como aparece na bibliografia sobre o assunto.

Club Lusitano. — Esteve animadissimo o baile com que o Sport Club Lusitano inaugurou a sua confortavel sede propria, á rua Marechal Floriano desta cidade.

As dansas, sempre animadas, terminaram ás 7 horas da manhã de domingo, tendo pronunciado o discurso oficial o dr. Adolpho Peña.

Na ampla cancha de bocha foi disputado um torneio entre todos os grupos locais, saindo vencedor o grupo 11 de Novembro.

Fonte: **O Regional**: Caxias do Sul, ano 2, n. 25, 20 jun. 1927.

Figura 8 - Trecho retirado do jornal “O Popular” sobre sede social do Clube Lusitano

S. C. LUZITANO

Esta associação inaugura
festivamente a sua séde social

Com uma sessão solenne e um grande baile, o Sport Club Luzitano inaugurou sábado, 19 do corrente, sua séde social, em edificio proprio mandado construir á rua Marechal Floriano, enfrente á cantina Luiz Antunes & Cia.

O acto teve extraordinaria concurrencia, tendo o edificio se tornado pequeno para accommodate todos os socios e convidados presentes.

A sessão foi presidida pelo sr. Americo Ferreira Alves, presidente do club, a convite do qual occupou tambem a cabeceira da mesa o dr. Celeste Gobbato, intendente municipal.

Fonte: **O Popular**: Caxias do Sul, ano 1, n. 20, 25 jun. 1927.

O fato do edifício ter sido “mandado construir” e de ser classificado como “confortável” demonstra que a sede do Clube Lusitano não era um espaço qualquer, segundo os jornais. Desta forma pode-se observar que o Clube Lusitano tinha um certo prestígio na cidade, a ponto de ter uma festa de inauguração lotada e digna de nota em diversos jornais que circulavam na cidade na época, contando até com a presença do intendente municipal Celeste Gobbato. No entanto, em nível de comparação, o Clube Juvenil recebeu maior destaque e mais linhas nos mesmos números dos jornais, noticiando as comemorações de aniversário, que ocorreram na mesma semana.

O cenário estabelecido para o final da década de 1920 e início da de 1930 não era mais favorável para os tanoeiros. Com a desmobilização das organizações sindicais não mais por ofício, e sim por indústria, atrelada à industrialização e crescente uso de maquinário no lugar de pessoas, os saberes artesanais dos tanoeiros não se faziam necessários, e o grupo foi se dispersando. O ofício não era mais ensinado para os descendentes lusos e os novos tanoeiros desconheciam as técnicas tradicionais, pois se aderiu à produção em série. Os novos modos de produção fizeram com que o número de tanoeiros fosse “diminuindo cada vez mais, vendo que não tinham futuro mesmo, procurando outra profissão. Outros, fazendo ‘barriletes’ em casa, outros se aposentaram, a profissão foi desaparecendo, a maioria morreu” (depoimento de E. Bernardi em FAVARO, 2002, p. 281). Por consequência, o Esporte Clube Lusitano também perdeu seu fôlego.

Um outro espaço de sociabilidades que existia entre os portugueses e portuguesas, segundo Marrachinho, era o “boteco da dona Maria”, no centro da cidade:

A dona Maria Guimarães tinha, tinha um armazenzinho [...] os portugueses chegavam de fora, ali era o consulado, era o centro, né? Todos os portugueses iam na missa, só tinha a catedral, se encontravam ali no boteco da dona Maria. [...] Era o consulado, era ali, todos os domingos eles se encontravam, toda a “portuguesada” ali. [...] Então vinha todo mundo da missa e depois da missa todo mundo se encontrava ali. (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries.)

Matos (2019), ao estudar o cotidiano de imigrantes, afirma que era comum as famílias aproveitarem o cômodo da frente de suas casas para exercer algum tipo de atividade econômica, como armazéns e botequins. Quem mais frequentemente administrava o negócio eram as mulheres, em rotinas intensas de trabalho. Não raro, os estabelecimentos ficavam conhecidos na cidade pelo nome de suas proprietárias, como é o caso narrado por Marrachinho. Além disso, o boteco da dona Maria Guimarães parece ser tão significativo

espaço de encontro e socialização entre os imigrantes portugueses de Caxias do Sul que foi apelidado, pelo menos pelo entrevistado, de consulado.

O capital social contou muito na inserção social desses imigrantes em seu destino. Os portugueses desenvolveram sociabilidades em múltiplas direções, não somente dentro de sua própria comunidade - como, por exemplo, casamentos entre portugueses e italianos. Isso tornou a integração menos difícil.

Considero fio condutor deste trabalho encontrar as sociabilidades e suas redes estabelecidas por imigrantes portuguesas em Caxias do Sul. O conceito de sociabilidade teve fácil entrada no vocabulário historiográfico, haja vista sua flexibilidade temporal, espacial e temática, e foi mais difundido sobretudo pelo trabalho do historiador francês Maurice Agulhon. O autor entende sociabilidade não como uma característica - alguém ser ou não sociável - mas como uma maneira de viver em sociedade (AGULHON, 1992). Sobre isso, Schütz explica que

[...] a sociabilidade é uma categoria descritiva, que serve para designar uma atitude dos indivíduos ao vivenciarem relações públicas; mas que não implica, necessariamente, que haja entre as pessoas envolvidas nessas “redes de sociabilidade” uma ligação em forma de associações organizadas, como as corporações e instituições. Como uma definição mais generalizante, que não se refere a um contexto específico, o termo sociabilidade é passível de ser aplicado a fenômenos observados em diferentes tempos e espaços - claro, sempre explicitando com rigor as construções que a noção envolve. (SCHÜTZ, 2020, p. 30).

Sendo assim, a partir das sociabilidades é possível transitar no jogo de escadas entre a vida privada e a vida pública - neste caso, vista como a que se dá nos espaços de socialização (trabalho, bar, igreja, etc.) - , não de forma dicotômica, mas sim costurando entre um registro e outro vivências desses sujeitos históricos.

Mas o que aconteceu com o Bairro Lusitano? O estudo de Klein (1984) aponta para uma “sobreposição étnica” que culminou no apagamento da identidade portuguesa na cidade. Para a autora, com os avanços capitalistas, houve o apelo a uma identidade étnica do capital, que em Caxias do Sul era bem representada pelos italianos. À medida que o êxodo rural aumentava, italianos e ítalo-brasileiros começaram a transformar a paisagem sonora do Bairro Lusitano: tornava-se cada vez mais frequente a comunicação verbal em dialeto italiano. Na mesma medida, traços culturais lusos eram gradativamente substituídos pelos costumes e valores ítalo-brasileiros; algumas mulheres portuguesas se casavam com homens de descendência italiana e incorporavam seus costumes (KLEIN, 1984). Para a mesma autora, é simbólica também a renomeação do Bairro Lusitano para Zona Tronca (sobrenome de um alfaiate italiano, primeiro proprietário das terras que foram vendidas aos portugueses),

denotando uma sobreposição étnica. Assim, a autora afirma que a partir da década de 1930 a comunidade portuguesa operária em Caxias do Sul foi perdendo sua coesão; “em contrapartida, a organização social de origem italiana, etnicamente homogeneizada, tornou-se hegemônica” (1984, p. 12-13).

Se o bairro português foi perdendo sua expressão, até perder seu nome, isso não significa que a comunidade não deixou marcas na cidade, muito menos que Caxias do Sul deixou de ser um destino para outros portugueses posteriormente, como foi e ainda será possível perceber. A cidade carrega camadas de memória que sempre se interseccionam, numa dinâmica que resulta em uma nova cidade. Nesse contexto os grupos de imigrantes são “obrigados, pela necessidade objetiva da sobrevivência, a conviver, se mover e produzir suas próprias marcas, que se traduzem em âncoras de uma nova [ou outra] memória, tanto para o grupo quanto para a cidade” (MARTINS; CORTE, 2009, p. 119).

Tais camadas de memória, resultado de diferentes movimentações dos mais distintos grupos, deslizam no presente. Aqui me baseio nas teses de Campos (2003) e Schütz (2020) para fazer o uso do termo deslizamento ou deslizante como algo que não é estanque nem imóvel e, ao mesmo tempo, algo escorregadio e resvaladiço:

Realizar análise deste empreendimento tendo como chão a cidade é sob todas as formas, mesmo que se relute por vezes, admitir que o rizoma social vive fincado em territórios que se fraturam, que deslizam feito placas tectônicas. As diferenças se constituem assim em importantes elementos para não apenas se reconhecer (no sentido de explicar) os deslizamentos, mas sobretudo, num esforço hermenêutico, melhor compreendê-los (no sentido da permissão). (CAMPOS, 2003, p. 207).

Houve momentos onde as marcas produzidas pelos portugueses na cidade caxiense já foram mais expressivas, como foi possível notar a partir das reportagens e depoimentos citados anteriormente. Porém, como uma terra que desliza, outras memórias, de outros grupos, se sedimentaram sobre aquelas marcas, de certa forma soterrando-as. Assim, as chamadas memórias subterrâneas por Pollak (1989) conversam, em certa medida, com a ideia de deslizamentos. Considerando que as memórias subterrâneas são difíceis de localizar fora dos momentos de crise, no presente, a disputa por narrativas - portuguesas - é um tanto silenciosa no sentido de não emergir ao debate público com muita força. Para o autor, as memórias subterrâneas aparecem quando há uma clivagem entre a memória dominante e a memória de grupos minoritários, opositos à sociedade englobante.

Não encontrando fôlego nas narrativas oficiais, esse tipo de lembrança é transmitido no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidades afetiva e/ou política, passando

despercebida pela sociedade englobante. É assim que aparenta sobreviver a memória portuguesa em Caxias do Sul diante do enquadramento oficial: histórias contadas de geração em geração, mas confinadas às famílias; documentos e fotografias guardados em caixas e armários, restritos ao âmbito privado; poucos relatos trazidos à visibilidade pública. Mas “as fronteiras desses silêncios e ‘não-ditos’ com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento” (POLLAK, 1989, p. 6).

Assim, de acordo com Bosi, “começa-se a atribuir à memória uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações” (2003, p. 36). Numa tentativa de ver de que se constituem as camadas de memória deixadas pelos portugueses no território da cidade, apontei no presente capítulo para alguns indícios da existência do grupo. Nesse sentido,

Processos de reivindicações identitárias e expressões de etnicidade se desenvolvem sempre em relação ao território onde eles se encontram, mesmo que espelhem referências a outros espaços territoriais, reais ou imaginários. Aqueles que se apresentam como grupo definem-se em relação a algum lugar e em relação a alguém”. (MARTINS; CORTE, 2009, p. 118)

Mas há também um outro tipo de presença portuguesa, esta menos evidenciada, menos fácil de detectar simplesmente andando pela cidade, comparecendo às festas ou visitando museus. A comunidade portuguesa pode ter perdido expressão, mas não desapareceu. Objeto deste trabalho, refiro-me às mulheres portuguesas que fizeram de Caxias do Sul seu novo lar.

3 PRESENÇAS PORTUGUESAS EM CAXIAS DO SUL: OS ARQUIVOS PESSOAIS E OS EGO-DOCUMENTOS

essa pode ser a sua forma de praticar a cidadania, dizia o silva da europa. pense bem, deixar um livro cheio de poemas que fiquem para sempre a comunicar com quem lhes pegue, é como deixar uma voz amiga de toda a gente. (MÃE, 2016, p.172)

O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. (NORA, 1993, p. 17)

“Vestígio” foi definido por Rousso (1996) como a marca da passagem de algo que foi perdido para sempre. Diante do desafio maior da História, como ciência, a irrecuperabilidade total do passado, à historiadora resta encontrar indícios nos documentos e demais objetos que permitam a elaboração de uma narrativa sobre o passado. Os vestígios materiais que se busca analisar neste trabalho são os arquivos pessoais, ou seja, aqueles que contém o acontecer da vida comum de imigrantes portuguesas em Caxias do Sul. Sabendo-se que a acumulação de documentos é uma prática naturalizada da sociedade grafocêntrica, acessar esses documentos é muito importante para a investigação histórica, especialmente quando as personagens centrais da narrativa são mulheres.

O arquivamento do eu é visto como uma prática de construção de si e também de resistência (ARTIÈRES, 1998). Advindos do desejo de evitar o esquecimento e de destacar sua passagem pelo mundo, os arquivos pessoais são um campo fértil para a pesquisa histórica pois possibilitam novas indagações, colocando em cena novos autores, novos objetos e novas fontes (CUNHA, 2019). Todos nós, inseridos numa cultura grafocêntrica, produzimos arquivos: guardamos objetos e documentos pessoais, papéis, diários, fotografias, lembranças. Isso tudo já nos parece tão natural que quase não damos importância a esse gesto - a importância maior é dada ao significado que conferimos às coisas que guardamos. Mas as nossas motivações, por vezes não tão explícitas, são atravessadas por fabricações materiais e simbólicas. O arquivamento de si é visto então como uma maneira de construir a si mesmo, arquivar a própria vida, é querer testemunhar, é querer destacar a exemplaridade de sua própria vida (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Esses arquivos são compostos de documentos ordinários e de objetos biográficos. Os primeiros são os que contêm o acontecer da vida cotidiana: cartas, diários, fotografias, entre outros; já os segundos são representativos de uma vivência que tem valor afetivo para seus donos. Documentos e objetos podem demonstrar diferentes práticas sociais, costumes, sociabilidades e sensibilidades de um determinado tempo. Assim como produzi-los, guardá-los também se constitui em prática social que acontece em dois momentos distintos:

primeiramente quando se acumula documentos para o uso cotidiano; depois, quando se preserva o arquivo com a finalidade de pesquisar.

No entanto, os documentos produzidos por imigrantes têm características específicas. A experiência da imigração alguns desses documentos são como um produto e consequência direta dela. Além disso, eles são vetores de uma memória não somente pessoal, mas também de um acontecimento coletivo. Nesse sentido, os chamados mediadores da memória desempenham uma função privilegiada, agindo como curadores e narradores autorizados de uma experiência de um grupo ou família.

O acesso a documentos produzidos por mulheres pode ser dificultoso tendo em vista sua quantidade reduzida se comparada a outros tipos de documentos. No entanto, quando é possível acessá-los, os chamados ego-documentos têm grande valor para uma narrativa histórica onde mulheres imigrantes são protagonistas.

3.1 GUARDAR PARA NÃO ESQUECER: IMIGRAÇÃO, MEMÓRIA E ARQUIVOS PESSOAIS

Pode-se afirmar que as histórias das imigrações não começam necessariamente quando as imigrantes chegam a seus destinos. Essas histórias se tornam histórias de imigração quando seus protagonistas estão a bordo, quando tomam consciência de sua nova realidade:

El viaje representa el primer paso del proceso migratorio y, para muchos, la toma de conciencia de la realidad de ser emigrante; el viaje se convierte en la metáfora del pasaje y del cambio de estatus existencial, profesional, mental y cultural. En la travesía oceánica se concentra y expresa un valor simbólico entre el antes y el después de la emigración (BLAS, 2004, p.132)¹¹

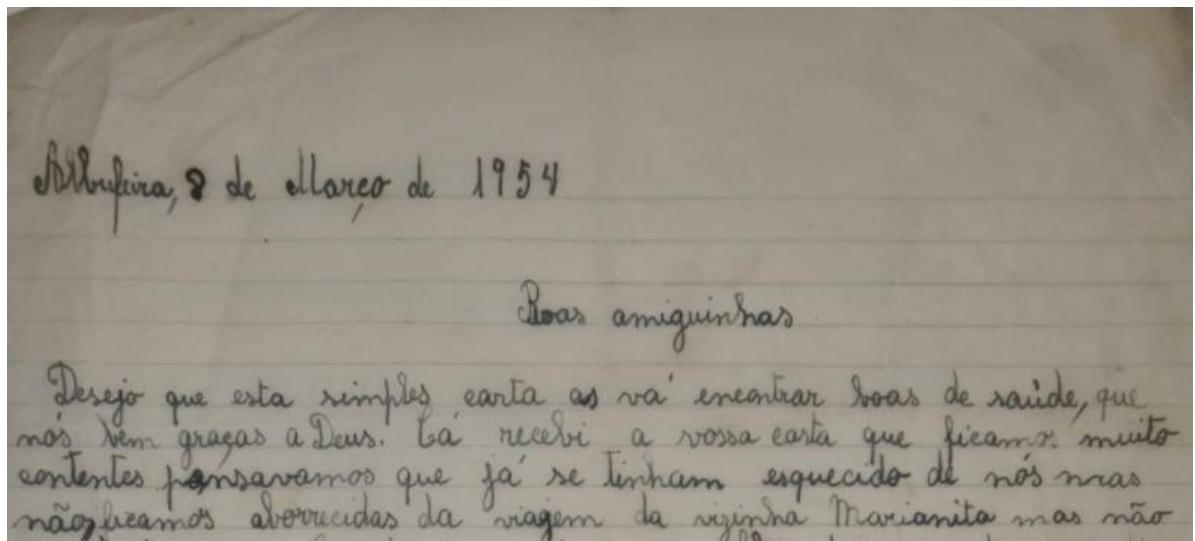
Diante desse *cambio*, é preciso pensar nas imigrantes como indivíduos que sentiam a necessidade de se remeterem a seus passados e ao que deixaram para trás, mesmo que estejam perspectivando seus futuros na nova terra. Voltar-se para o passado está ligado à preservação de identidades, tradições e vínculos. Por muito tempo a comunicação foi demorada, limitada, assim como as possibilidades de deslocamento; cartas e navios eram praticamente os únicos meios possíveis de acessar, naquele presente, aquilo que as imigrantes tinham deixado na terra natal.

¹¹A viagem representa o primeiro passo do processo migratório e, para muitos, a tomada de consciência da realidade de ser emigrante; a viagem se converte na metáfora da passagem e da mudança de status existencial, profissional, mental e cultural. Na travessia oceânica se concentra e expressa um valor simbólico entre o antes e o depois da emigração. (Tradução da autora).

É essencial salientar a importância das cartas como espaços de sociabilidades, dadas pela construção de laços e vínculos entre quem escreve e quem recebe. As missivas são uma forma de comunicação em que “distância e ausência funcionam como motores para sua efetivação (...) e permitem aquilatar a intensidade do relacionamento entre os missivistas” (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 5-6).

Em uma carta recebida por A.C. de uma amiga de Albufeira (08/03/1954) (Figura 5), a remetente se encarrega de comunicar notícias de Portugal. Ela começa escrevendo sobre o Carnaval: “o carnaval muito aborrecido poucas máscaras fui na última noite no baile não parecia carnaval sendo o último ano que há máscaras ordem do senhor Papa” (08/03/1954) (Figura 6). Depois, ela responde à curiosidade possivelmente expressa na carta anterior enviada por A.C. sobre quem estava morando na sua antiga casa: “mandou-me perguntar quem está morando nas casas que vosmecê saiu é a Arnelde deve conhecer a filha do Pangrácio” (08/03/1954) (Figura 7). Por fim, ela também conta sobre outra festividade: “Amiguinha no dia 14 de Fevereiro esteve cá a Virgem Nossa Senhora de Fátima oito dias fui uma festa muito linda percorreu as ruas todas de Albufeira tudo enfeitadas fui ao campo não cauculam [sic] a festa que houve” (08/03/1954).

Figura 9 - Trecho de carta recebida por A.C. de uma amiga de Albufeira (08/03/1954).¹²



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 10 - Trecho da carta da figura 9.¹³

¹² “Albufeira, 8 de Março de 1954. Boas amiguinhas. Desejo que esta simples carta as vá encontrar boas de saúde, que nós bem graças a Deus. Cá recebi a vossa carta que ficamos muito contentes pensávamos que já se tinham esquecido de nós mas não, ficamos aborrecidas da viagem da vizinha Marianita mas não [...]”

¹³ “[...] cá já está tudo visto olhe o carnaval muito aborrecido poucas máscaras fui na última noite ao baile não parecia carnaval sendo o último ano que há máscaras ordem do senhor Papa não [...]”

que enava contente de estar ai se me parou num aí em um
lá ja' está' Tudo visto do carnaval muito aboneido poucas máscas
mas fui na ultima noite no baile não parcia carnaval sendo
o ultimo ano que lá máscaras ordem do senhor Papa não

Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 11 - Trecho da carta da figura 9.¹⁴

pedreginhos. Marianita mandou-me perguntar quem está morando
nas casas que vosmecê saiu é a Arnélde deve conhecer a filha
do Pancrácio. Menina Alessandra ~~só quem casou já fui a Fernan~~

Fonte: acervo pessoal da autora.

A tomada de consciência de uma nova realidade, no caso de imigrantes, se pauta em situações ambivalentes: continuidade e mudança, tradição e inovação, conservação e transformação são parte da constituição de uma “nova ordem” no local de destino, enquanto a terra natal se torna um ponto de referência (PEREIRA, 2015). Antigo e novo conversam e convivem na configuração da vida cotidiana. A referência ao passado na terra natal - verificado na pesquisa por meio de cartas, trocas de fotos, histórias contadas de geração em geração - não só são uma forma de manter a coesão do grupo que migrou, mas também de estabelecer o que é comum a ele e o que o diferencia dos outros, fundamentando e reforçando os sentimentos de pertencimento e as fronteiras entre outros grupos. Referenciar o passado se torna uma forma de construir a memória em comum entre vários imigrantes, mas também individual; adere-se *afetivamente* a essa prática, no caso, epistolar.

Portanto, de que forma as imigrantes podem fazer referência aos seus passados, às suas histórias? Além das notícias vindas pelas cartas e das narrativas passadas de geração em geração, existe também a memória material desses sujeitos históricos. O arquivamento do eu, ou arquivamento de si, como já referido anteriormente, é uma ação que surge a partir do desejo de guardar objetos e de guardá-los em “papel” (fotos, cartas, enfim, suportes físicos), de modo que as pessoas possam salvaguardar-se do esquecimento e conservar o que, quase sempre, “se extravia na vertigem do tempo” (CUNHA, 2019, p. 18).

Sendo assim, a pessoa que arquiva a própria vida está recordando ao mesmo tempo em que cria uma narrativa de si. Ela relembra uma história sobre si mesma ao mesmo tempo em que a cria. Ao mesmo tempo em que ela seleciona os objetos que ficarão guardados para

¹⁴ “[...] pobrezinhos. Marianita mandou-me perguntar quem está morando nas casas que vosmecê saiu é a Arnélde deve conhecer a filha do Pancrácio. [...]”

contar suas histórias - nem que seja para si própria -, a memória latente nesses objetos responde a um chamado do presente.

As cartas, como documentos, são escritas cuja abordagem vincula-se à História da Cultura Escrita que vem sendo realizada pelo grupo liderado por António Castillo Gómez e Verônica Sierra Blas na coletânea de estudos intitulada *Mis primeros pasos: Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*. Para Castillo Gómez (2002, p.19) História da Cultura Escrita é o estudo da produção, difusão, uso e conservação dos objetos escrito. Objetivando interpretar maneiras, lugares e gestos que historicamente regem as relações entre o mundo do texto e o mundo de seus usuários, a História da Cultura Escrita é caracterizada também por seu método interdisciplinar, pois deve buscar alianças com os demais saberes envolvidos no seu objeto de estudo. Cartas e dedicatórias são ícones da cultura escrita. Inicialmente estas fontes eram vistas como alternativas ou complementares, mas depois se tornaram protagonistas das investigações históricas, pois permitiam abordar experiências “dos populares”, incluindo sua cultura escrita (MATOS; TRUZZI, 2015).

Os objetos e diversos papéis presentes nos arquivos pessoais, também chamados de arquivos de si são aqueles que podem, em geral, ser chamados de documentos ordinários, considerados aqueles que estão na ordem do comum e são aqueles que fazem ou faziam parte da vida cotidiana e parecem de importância menor, vivendo na iminência da obliteração - rasgados, jogados no lixo, queimados, extraviados. Porém, aqueles que sobrevivem ou escapam da obliteração tornam-se tão presentes quanto uma voz que chama por nossos nomes de historiadoras, pois vemos neles a possibilidade de construção de uma narrativa que remete à história da vida de seus proprietários. Documentos ordinários relatam acontecimentos pequenos, rotineiros, que constituem uma vida mas que, ao mesmo tempo, não necessariamente são dignos de registro em documentos que tenham finalidade pública ou relação com a vida pública da pessoa. No entanto, segundo Cunha (2019, p. 22), ao voltarmos o olhar para esses papéis ordinários, comuns, “podemos pensar na importância de uma memória de papel para o reconhecimento de diferentes práticas, costumes, rituais, ações e sociabilidades como ponto de partida para reinventar outros presentes”.

Assim como os documentos ordinários, os objetos biográficos podem ser uma porta aberta para adentrarmos uma história de vida - mesmo que, de certa forma, apenas inventada, pois é impossível acessar o passado em sua totalidade. É possível tornar grandiosos pequenos detalhes - depende da forma como olhamos para eles. Ao olhar com sensibilidade, não se vê um simples papel esquecido numa caixa, óculos riscados, roupas usadas, mas sim objetos biográficos. Conforme Bosi (2003), objetos biográficos são objetos que representam uma

experiência vivida, uma aventura afetiva de seus donos. Objeto e usuário são usados um pelo outro, mutuamente, numa sincronia; modificado pelo uso, o objeto está em simbiose com o usuário, um envelhecendo ao mesmo tempo que o outro (BOSI, 2003; MORIN, 1969).

Os documentos ordinários podem ser vistos pela historiadora como uma maneira de acessar diferentes práticas, costumes e sociabilidades. Neles muitas vezes se encontram lembranças, traduzidas em memória, e que ao serem historicizadas, passam pela construção de uma narrativa exposta às ameaças do esquecimento, mas também confiada à guarda da história (RICOEUR, 2007, p. 18). Segundo o mesmo autor, é impossível lembrar-se de tudo e narrar tudo, pois a narrativa tem uma dimensão seletiva.

A aparente mudez desses documentos nos conduz a um mundo pretérito, dotado da tessitura de tramas cotidianas e da produção de significados, numa mediação entre passado e presente. Uma realidade passada torna-se acessível, uma vez que documentos pessoais, ordinários, podem ser considerados vestígios de sensibilidades circunscritas num tempo e espaço. Contemplados e percebidos como objetos de memória, o exercício da reflexão propicia a elaboração de perguntas sobre as circunstâncias históricas de produção e de consumo desses, em geral, suportes da cultura escrita, como a produção de significados pelos sujeitos que os produziram [...]. (CUNHA, 2019, p.66)

Quando, por exemplo, escrevia-se uma carta a alguém, além do conteúdo que se desejava comunicar, também uma forma definida que regia a exposição do conteúdo. Malatian (2009) afirma que diários, autobiografias e cartas, por exemplo, ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e de apresentação de si. No caso específico das cartas, escrevê-las reunia indivíduos que esperavam por notícias, assim como criava um desejo de reciprocidade de resposta (implícito ou explícito). Ao tirar uma fotografia, havia uma construção desejável da cena que seria registrada - se era numa paisagem ou num estúdio, com poses específicas, quem ficaria em pé ou sentado, sorrindo ou não, etc. Todas essas coisas são práticas sociais que vão se transformando através do tempo: hoje não tiramos mais fotos de família da mesma maneira de nossos antepassados, por exemplo. Também nossa comunicação escrita é completamente diferente. Ainda assim,

as práticas da cultura escrita são sustentadas pelas escolas e a burocracia civil necessita registrar nossa existência com a gestão e guarda de papéis [...] [A acumulação de documentos é] como uma forma de comprovar a existência civil do sujeito perante as instituições ou um modo de remeter a seus relacionamentos com pessoas (CUNHA, 2019, p. 66).

De tal maneira, tanto os documentos ordinários são práticas sociais como também é guardá-los. A constituição de um arquivo pessoal sempre tem alguma motivação, pois o gesto

de guardar documentos é atravessado por uma fabricação tanto material quanto simbólica: “todos nós produzimos arquivos. Guardamos objetos e documentos pessoais, e isso parece ser um processo tão natural que sequer se percebe sua existência” (CUNHA, 2019, p. 65). Segundo Bellotto (2006), o ato de guardar acontece em dois momentos distintos, cada um com suas motivações. O primeiro momento é o ato de acumular documentos para seu uso no cotidiano, seja para que o sujeito comprove sua existência civil perante as instituições, seja para remeter a seus relacionamentos com outras pessoas. Já o segundo momento é o de preservação, quando o arquivo pessoal já não cumpre somente com uma finalidade civil, jurídica, profissional ou pessoal de seu titular, mas quando seu uso é destinado à pesquisa, realizada por terceiros.

O arquivo pessoal do qual disponho para realizar esta pesquisa já cumpre ambos processos citados acima, ou seja, já passou pela fase da acumulação e da preservação. Nele é possível encontrar os seguintes documentos: cartões postais, alguns em branco e outros assinados; uma página de jornal com matéria sobre a cidade natal de A.C.; cartas recebidas de amigos e parentes; revisão médica para embarque assim como autorização do pai e do governo para ir ao Brasil; escritura, planta, alvará e projeto de casa popular em Caxias do Sul; telegramas; recibos de compra e venda de dólares; documentos de viagem turística para Portugal em 1989; fotos diversas de amigos e familiares.

Contendo o acontecer da vida comum, esses objetos são vestígios de uma sensibilidade circunscrita a um tempo e um espaço. Rousso (1996) define vestígio como o indício de algo que foi perdido para sempre, e que só deixou uma marca de sua passagem. De fato, não é possível “resgatar” o passado na sua totalidade. Seguindo o pensamento de Rousso, o vestígio é como o único sobrevivente de um grupo maior de documentos que foi abandonado, descartado, ou qualquer outro fim irremediável que esses objetos possam ter: “esse vestígio que chega até nós é, de maneira implícita, um indício de tudo aquilo que não deixou lembrança e pura e simplesmente desapareceu” (1996, p.90). No entanto, a sobrevivência desse objeto nos conduz ao passado, permite-nos exercitar o pensamento crítico à fonte, mas também abre possibilidades para o exercício da imaginação.

Destino comum para muitos documentos, inclusive uma parte dos que utilizei nesta pesquisa, as caixas de polipropileno, popularmente conhecidas como “arquivo morto”, podem ser vistas como vetores de memória.¹⁵

¹⁵ A expressão “lugar de memória” cunhada por Pierre Nora (1993) ganhou diferentes usos e significados através do tempo, muitos deles não desejados ou previstos por Nora, como é apontado por Gonçalves (2015). A autora propõe, então, o uso da expressão “vetores de memória” para denominar objetos que ativam o trabalho da memória, ou seja, sobre os quais atribuímos significados e interpretações no presente: a memória não é inerente

Figura 12 - Caixa de polipropileno contendo arquivo pessoal.



Fonte: fotografada pela autora (2022)

Figura 13 - Caixa de polipropileno contendo arquivo pessoal (interior)



aos objetos, pois ela é um trabalho, e, por isso, ela “busca algo que a mobilize e, de alguma forma, a ‘carregue’. Daí se poder pensar, em vez de lugares, em vetores, já que a palavra vetor indica aquilo que porta algo, assim como transmite, aponta ou, ainda, orienta” (GONÇALVES, 2015, p.17).

Fonte: fotografada pela autora (2022)

Figura 14 - Caixa de polipropileno contendo arquivo pessoal (conteúdo)



Fonte: fotografada pela autora (2022)

Os documentos pessoais que utilizei e sobre os quais já fiz breve referência para esta pesquisa não foram encontrados em um arquivo público como parece ser de praxe em uma pesquisa histórica. Nesse caso, esse valioso acervo foi deixado nas mãos dos descendentes de uma imigrante portuguesa depois de seu falecimento, ou seja, foi produzido fora dos contornos de instituições de salvaguarda. Estas pessoas têm um papel importante para a manutenção de sua memória, sendo denominadas por Pollak (1989) de guardiãs ou mediadoras da memória. Guardiãs são aquelas que se dedicam à guarda e à reelaboração da memória de um grupo - nesse caso, o familiar - constituindo-se ao mesmo tempo como narradoras privilegiadas da história desse grupo e colecionadoras de bens materiais de extremo valor simbólico. Além disso, geralmente são as mulheres que assumem o papel de guardiãs da memória no contexto familiar (PEREIRA, 2015, p.149).

A memória, vista como um trabalho, refaz o passado segundo as demandas do presente de quem rememora. Noções de tempo e espaço são ressignificadas; escolhe-se o que será ou não revelado. Sobre a rememoração, Gomes (1996, p. 6) afirma que “pode ser um difícil processo de negociação entre o individual e o social, pelo qual identidades estejam

permanentemente sendo construídas e reconstruídas, garantindo-se uma certa coesão à personalidade e ao grupo, concomitantemente". As narrativas possíveis oriundas dessa prática de guardar são, portanto, polifônicas pois comportam a voz de quem produz, de quem seleciona e guarda, de quem cuida, de quem escreve sobre ela. Essas possibilidades narrativas partem de um trabalho de enquadramento da guardiã ou guardião dessa memória:

Esta dimensão da memória, que lhe dá limites e demanda reelaboração permanente, vincula-se a um fenômeno que a literatura especializada chama de "trabalho de enquadramento" da memória. Por conseguinte, o enquadramento e a guarda da memória comum se retroalimentam, estando ligados à presença de uma figura especial - porque singular no grupo e porque especializada -, que se reconhece e é reconhecida como o guardião da memória. (GOMES, 1996, p. 6-7)

O mediador ou guardião da memória acaba por agir como um curador, selecionando objetos, documentos e fotografias que refletem o que é considerado mais valioso para representar essa memória coletiva, e tendo papel fundamental na consolidação das identidades. Ele é, portanto, um narrador autorizado e privilegiado da história do grupo do qual faz parte. O acervo pelo qual o guardião ou mediador é responsável materializa a memória de um grupo ou família.

Para Gomes (1996), há situações e/ou motivações específicas que dão início à "carreira" de um guardião da memória. Segundo a autora, essa função passa a dominar a trajetória de vida dessas pessoas, tornando-se um projeto, atribuindo direção e significado à vida dessa pessoa. Apesar da literatura especializada nomear e descrever o papel dessas pessoas, pode-se pensar que na maioria dos casos de mediadores de memórias familiares esse posto é assumido/atribuído quase que inconscientemente. Tudo leva a crer que essa atribuição seja assumida pelos mais velhos que, por terem mais experiências de vida e, muitas vezes terem acompanhado parte dos acontecimentos vividos e guardados acham-se mais "autorizados" para serem portas vozes das histórias e memórias a contar. Dessa forma, nas famílias, geralmente as pessoas mais idosas, como os avós e bisavós, assumem essa função.

Se a acumulação de documentos é algo comum a todos nós, imigrantes ou não, o olhar lançado para os documentos produzidos e guardados por estes primeiros é diferente: "estos documentos no sólo nos hablan de la experiencia de los hombres y mujeres corrientes, sino que *son el producto y la consecuencia directa de ella*" (BLAS, 2004, p. 123, grifo nosso).¹⁶ A ruptura com a terra natal e todos que nela ficaram produz uma situação onde principalmente (mas não só) a escrita assume novos significados, nos quais essa prática, que para muitos era

¹⁶ Estes documentos não só nos falam da experiência dos homens e mulheres correntes, como são o produto e a consequência direta dela. (Tradução da autora).

excepcional, passou a ser cotidiana, quase obrigatória - uma tentativa de encurtar distâncias. E foi desta maneira que imigrantes não só produziram, mas também conservaram e guardaram zelosamente todos esses papéis, construindo sua memória.

Dada a heterogeneidade de documentos que disponho para fazer esta pesquisa - entrevistas, fotos, cartões postais, cartas, anotações pessoais, documentos oficiais, etc - o paradigma indiciário definido por Ginzburg (1989) parece ser adequado para pensar essas fontes. Para o autor, a História comunga da prática de rastreamento de sinais, indícios que remete a algum evento, mas que é impossível captá-lo em sua totalidade, fazendo aparecer uma forma de produção de conhecimento que pode estar na fronteira entre o empirismo e a criatividade. Dessa maneira a pesquisadora assume a tarefa de reunir, selecionar, conjecturar e organizar essas pistas tão heterogêneas, com vistas a construir ou reconstruir uma narrativa cognoscível, constituindo-se o paradigma indiciário. Diante da perspectiva do paradigma indiciário, os detalhes e os indícios encontrados na documentação podem ser percebidos como sinais reveladores de práticas sociais, culturais e experiências pessoais ou coletivas (GINZBURG, 1989).

Segundo Blas (2004), esses documentos demonstram dimensões que extrapolam a passagem tempo e as histórias que contém. Eles se tornam parte fundamental das memórias familiares e, concomitantemente, da memória histórica, pois ao mesmo tempo que cada um desses documentos carrega consigo uma parte de uma história individual, os movimentos migratórios do século XX constituem-se um acontecimento coletivo.

Se o retorno do sujeito nos estudos da sociedade e em especial em História fez com que se retomasse o interesse em biografias, autobiografias e trajetórias de vida, o olhar lançado aos estudos sobre as mulheres também mudou, graças a uma epistemologia feminista que não vê a mulher como “parte da natureza” - e, portanto, não pertencente à História. Os feminismos criaram modos de existência mais integrados e humanizados e desfizeram as oposições binárias e hierarquizantes de razão e emoção, público e privado, masculino e feminino (RAGO, 2013, p.21).

Nesta virada, tornou-se comum o uso de ego-documentos como fontes que se tornam históricas, se problematizadas, por disporem de uma ampla gama de testemunhos escritos, como cartas e diários, sobre atos, pensamentos e sentimentos de seus autores. O conceito de ego-documento se refere às diversas formas de expressão escrita de sentimentos e experiências pessoais, de qualquer forma ou tamanho, no qual se esconde ou se descobre, acidental ou deliberadamente, um ego (AMELANG, 2005). De tal maneira, os ego-documentos, além de serem reveladores de práticas sociais e cotidianas, também são de

grande valia para uma narrativa histórica que coloque as mulheres no centro. Na segunda metade do século XIX, quando a vida privada adquiriu novo sentido, o diário pessoal se tornou uma prática social muito difundida entre a burguesia e a aristocracia, sendo especialmente recomendada para as mulheres. A casa burguesa, nos entremeses da intimidade, possibilitou um lugar privado, criou condições materiais para a escrita de diários íntimos. Por outro lado, as mulheres das classes populares, em geral, ficavam por fora dessa prática por não possuírem tais condições materiais favoráveis, além de pouco acesso à escolarização.

Desta forma, o acesso a esses documentos produzidos por mulheres não burguesas é dificultoso, assim como quantitativamente limitado, pois

afinal, tendo sido educadas para a maternidade, para serem missionárias, enfermeiras ou professoras, as mulheres foram tacitamente convidadas a se esquecerem de si mesmas, a renunciar ao exame da própria existência, e, acima de tudo, foram estimuladas a cuidar do outro em primeiro lugar (RAGO, 2013, p.50)

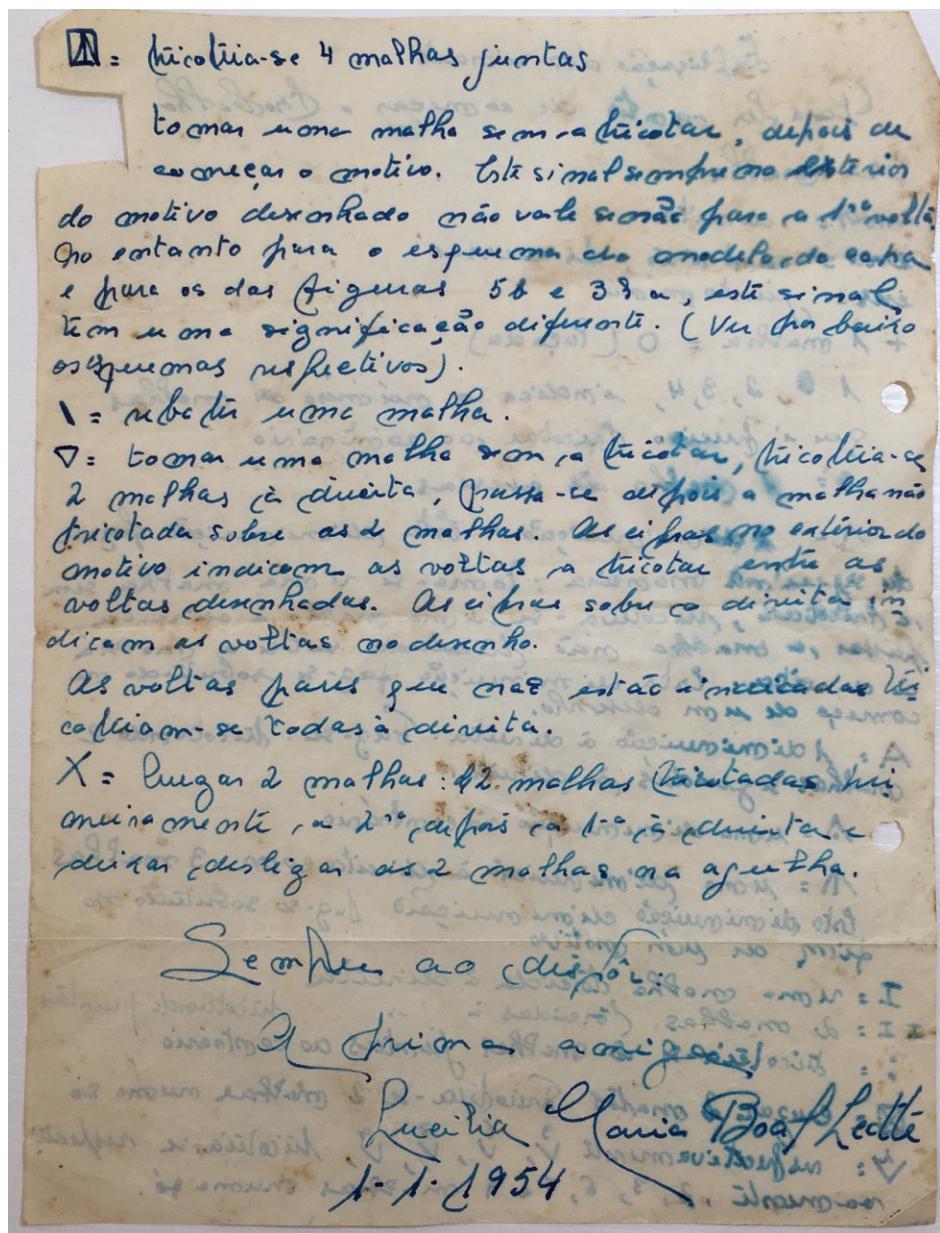
Porém, quando localizados, a apropriação desses documentos para construção do conhecimento histórico permite o deslocamento das memórias do espaço privado para a visibilidade pública (CUNHA, 2011, p. 252). A historiadora deve ir além da memória apresentada e tentar identificar uma memória latente que resiste no objeto de estudo, buscando uma interação do passado individual com o coletivo.

Documentos produzidos na intimidade são oriundos de uma privacidade que se deseja ultrapassar para a produção do conhecimento. Para tanto, a diplomacia, a negociação e a resignação são requisitos importantes na postura do historiador ao adentrar uma memória familiar (MALATIAN, 2009, p.196). Portanto, é assim que, simbolicamente, eu peço licença a algumas dessas imigrantes portuguesas que viveram em Caxias do Sul, para adentrar em suas memórias e, quem sabe, tornar possível uma história da qual elas sejam protagonistas. Em concordância com Schapochnik, levo em consideração que essa coletânea que compõe o arquivo pessoal é uma “crônica urdida com base em infinitas lacunas e, enquanto tal, não têm início, simplesmente ‘começam’ quando alguém decide registrar os eventos” (1998, p. 462).

Para encerrar este capítulo mas ao mesmo tempo ir preparando o terreno para o seguinte, analiso a seguir uma folha de papel com instruções de tricô, que estava guardado junto com outros documentos de A.C. As instruções foram escritas à mão, frente e verso, por uma amiga e prima de A.C. às vésperas de sua viagem, que se colocou “sempre ao dispôr” para ajudar. A tinta de cor azul-escuro, mesmo com algumas partes borradas, tem sobrevivido no papel, já amarelado, por 67 anos, e esse papel pertence a um conjunto de outros

documentos deixados por A.C. e guardados por familiares, entre eles, cartas, fotografias, cartões-postais e documentos oficiais.

Figura 15 - folha com instruções de tricô (01/01/1954)



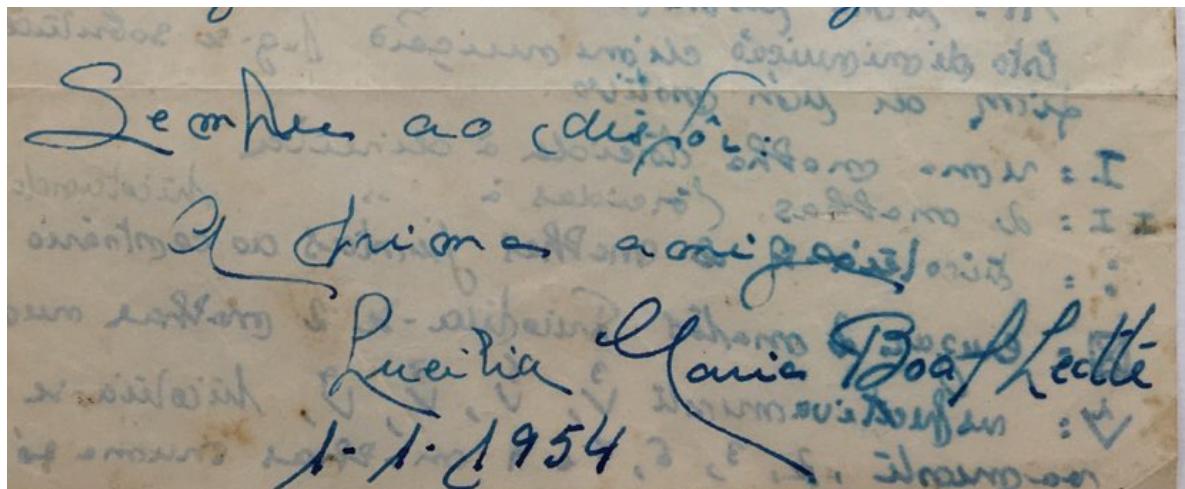
Fonte: acervo pessoal da autora

Com tantos outros documentos que poderiam ser analisados, vale questionar: que valor teria um pedaço de papel com anotações? Que valor teria um pequeno papel com instruções redigidas pela mão de uma amiga na véspera de uma viagem que, muito provavelmente, seria só de ida? Instruções essenciais para exercer um ofício no outro lado do oceano, escritas com esmero em uma pequena folha de papel, que poderia ter sido extraviada

ou até descartada tão facilmente quanto qualquer rascunho, que valor elas teriam? Por que um singelo pedaço de papel poderia nos contar tantas coisas ou mais do que outros documentos?

Certamente que apenas uma folha de papel solta, sem contexto, sem um “pano de fundo”, não nos diz muito. Mas nesse caso, esse simples objeto tem uma história. Ele pertencia a uma jovem portuguesa que com 19 anos de idade deixou sua terra natal para vir morar no Brasil. Em Caxias do Sul ela trabalhou principalmente como costureira, casou-se, construiu uma casa e diversos laços afetivos, teve filhos e netos. Por muito tempo a fonte de renda de A.C. foi baseada na costura, mas outras atividades manuais semelhantes como o tricô orbitavam seu fazer cotidiano no novo lar.

Figura 16 - Dedicatória ampliada da folha com instruções de tricô



Fonte: acervo pessoal da autora

A esse documento, dito ordinário e até negligenciável, pode ser atribuído valor do ponto de vista de uma tentativa de (re)constituição de um cenário cotidiano. O objeto portador de orientações escritas às vésperas do embarque, assinadas com “sempre ao dispôr/ a prima amiga/ 1-1-1954”, foi guardado por tantos anos, até mesmo depois da destinatária já ter domínio da técnica.

Observar a escolha não apenas de guardar, mas de escolher o que será ou não guardado permite dimensionar o empreendimento das pessoas que guardam. Ao valorizarem

certos acontecimentos e experiências, assinalaram não apenas seu desejo de imortalidade como também o de preservar ações e feitos, seus próprios e de seus contemporâneos, evitando tanto seu apagamento e esquecimento como remetendo para o futuro a compreensão e julgamento dos enredos dos quais foram partícipes. (CUNHA, 2019, p. 28-29)

Portanto, esse tipo de acervo pessoal é valioso à historiadora, pois oferece como que um “certificado de presença, testemunhando e autenticando o vivido” (CUNHA, 2019, p.29). Esse objeto é constitutivo da memória dessa portuguesa. Bosi (2003) instiga a dar atenção intensa e leve às memórias, cujo futuro é, segundo a autora, imprevisível e requer fechamento. Por vezes tal fechamento depende dos gestos do presente, porque seus autores morreram antes de completar a figura de suas vidas: “É a história de um passado aberto, inconcluso [...]. Não se deve julgá-lo como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se podem arrancar o sim e o não, a tese e a antítese, o que teve seguimento triunfal e o que foi truncado” (BOSI, 2003, p. 32-33). É do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde.

Muitas vezes esses documentos ordinários sobrevivem a seus proprietários, protelando, de certa forma, sua morte. Essa folha de papel se torna, então, representativo não só de algo constitutivo do espaço de experiência de A.C. - os trabalhos manuais - mas também de uma vontade de memória, quando ela decide guardá-lo por toda sua vida. Transcendendo a fragilidade do presente, ele materializa uma memória (CUNHA, 2019). Para Pierre Nora (1993, p.13), “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, [...] porque essas operações não são naturais”, fazendo com que a memória exista mais através de suportes exteriores e tangíveis do que pelo processo interior de recordar. Essa vontade de memória, nesse caso, parece vir em dois momentos: primeiro, na vontade de A.C. de guardar determinados documentos e, segundo, na decisão da família de preservar os documentos acumulados. Assim, reforça-se o afirmado anteriormente: a preservação dos vestígios materiais de alguém que já se foi é sintomática da vontade de memória. Da mesma forma, se documentos pessoais são práticas sociais, guardar esses documentos também se caracterizam como tal.

Por que um singelo pedaço de papel poderia nos contar tantas coisas ou mais do que outros documentos? É possível pensar que a escrita desse material em 1954 é resultado de uma produção de significados pela amiga que o escreveu, “significados que não se encontram imediatamente revelados ao nível da experiência sensível, mas que demandam um complexo trabalho de decodificação, análise, interpretação” (ABREU *apud*. CUNHA, 2019, p.66). Essa é a parte do pensamento crítico à fonte. Mas essa folha de papel também é como uma chave que abre uma área muito mais sensível do estudo: a imaginação. Tudo que é escrito num trabalho como esse requer respaldo acadêmico, mas é impossível não tentar imaginar A.C., sentada em sua casa, tricotando alguma peça de roupa para si ou para alguém da família. Não

é algo do qual se tenha provas materiais de que aconteceu “exatamente assim”, porém esse documento ordinário permite que isso seja possível.

4 DISSIPANDO A NÉVOA DA INVISIBILIDADE: PORTUGUESAS EM CAXIAS DO SUL - RS (1954-1960)

A decisão de emigrar nunca é tomada em vão. Aqueles que decidem partir de seu país de origem alimentam, ao menos, expectativas de uma vida melhor em outras terras, com melhores e mais prósperas oportunidades.

Algumas portuguesas em Caxias do Sul deixaram marcas de suas trajetórias que ainda não haviam sido investigadas pela historiografia local. É o caso das três personagens citadas neste capítulo que, entre tantas outras como elas, tiveram experiências próprias na cidade.

Sobre a primeira personagem desta história, A.C., foi analisado o epistolário que ela guardou, e que sobreviveu depois de seu falecimento. Nas cartas e cartões postais, que compunham maior parte do acervo pesquisado (APÊNDICE A), é possível identificar fios da sua rede de sociabilidades, além das sensibilidades presentes nos documentos ordinários. As correspondências permitem perceber uma variedade de expressões da vida privada apresentadas por imagens controladoras da espontaneidade e da intimidade. A dificuldade nesta missão de pesquisa reside no fato de que só havia à disposição da pesquisadora as cartas que A.C. *recebeu* e guardou. Portanto, coube um exercício dedutivo, imaginativo, que se sustentou somente das respostas ao que ela escrevera para seus amigos. Ainda assim, foi possível descobrir suas expectativas sobre a viagem e experiências quando de sua chegada, como trabalho e casamento.

As entrevistas consultadas permitiram que as histórias narradas por uma filha e por um irmão sobre outras imigrantes viessem a adicionar ao corpo desta pesquisa. Assim, mesmo com uma amostragem diminuta, tal estudo qualitativo possibilitou perceber a diferença de experiências entre um sujeito e outro, rompendo com uma possível visão homogeneizadora da história de mulheres como elas. Provenientes de famílias simples, em Caxias do Sul se depararam ou com uma vida doméstica, ou com uma vida de trabalho na indústria, onde sua faixa etária influiu nos caminhos disponíveis para elas.

Neste capítulo, horizonte de expectativa e espaço de experiência, entrelaçam o passado e o futuro considerando “que todo ato histórico se realiza com base na experiência e na expectativa dos agentes” (KOSELLECK, 2014, p. 307); e por este motivo são vistos como chaves interpretativas para o tempo histórico. Memórias, sensibilidades e sociabilidades são os fios condutores num ensaio de entrever os fragmentos de trajetórias de imigrantes portuguesas em Caxias do Sul.

4.1 “QUE BREVE ME DIGAS QUE VAIS CASAR COM UM BRASILEIRO RICO”: ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTE DE EXPECTATIVA DAS IMIGRANTES PORTUGUESAS

Koselleck, dedicado a apresentar algumas pistas de como o tempo histórico pode ser investigado pelas gerações viventes, introduz as categorias de *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* (2006; 2014). Para o autor, ambas as categorias são apropriadas para tratar do tempo histórico, pois o passado e o futuro se entrelaçam na experiência e na expectativa. No entanto, o espaço de experiência e o horizonte de expectativa não podem ser vistos como meros opostos estáticos; eles constituem uma diferença temporal no presente, entrelaçando o passado e o futuro de modo desigual. Ainda, Koselleck aponta para a possibilidade (ou necessidade) de incluir as experiências temporais na historiografia, em especial na historiografia social (2014, p. 310).

Nesse sentido, experiência é definida como

o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. (KOSELLECK, 2006, p. 309)

A experiência, vista como um fato uma vez vivido, se dá por completa, mas é elaborada e pode tornar-se presente, na medida em que as pessoas incluem em seus comportamentos as possibilidades realizadas ou falhas. Além disso, as experiências se sobrepõem e se impregnam umas das outras.

Já a expectativa, enquanto sua estrutura temporal, nutre-se da experiência:

também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquiétude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (KOSELLECK, 2006, p. 310).

No entanto, quando uma expectativa é baseada numa experiência, ela não surpreende quando se concretiza. O surpreendente é o não esperado, e, quando não se espera, aí sim surge uma nova experiência.

É com base nessa chave interpretativa que se dá a discussão deste capítulo, onde procuro identificar a paisagem que compunha o horizonte de expectativa de algumas

imigrantes portuguesas, assim como o que se decorreu no espaço de experiência delas na cidade de Caxias do Sul.

4.1.1 “Julgo que já deve estar uma autêntica brasileira?”: fragmentos da trajetória imigrante de A.C.

Um documento datado de 17 de outubro de 1953 comprova a autorização do pai de A.C. para que ela pudesse seguir viagem ao Brasil, acompanhada de sua mãe e de seu irmão. Em 3 de dezembro de 1953 foi emitido um pedido para embarcar para Caxias do Sul, com a finalidade de residir com o padrasto. Há outra declaração afirmando que nunca praticou “quaisquer actos pelos quais pudesse ser ou tenha sido considerada nociva à ordem pública, à segurança nacional, ou à estrutura das instituições políticas do meu país de origem” em 8 de janeiro de 1954. Datando de 6 de janeiro de 1954 também há um atestado de saúde para permanentes que confirma que A.C. “goza de boa saúde [...] nem tem lesão orgânica que a invalide para o trabalho”. Não foram encontrados nos registros a data exata e/ou explícita da chegada de A.C. ao Brasil, porém em ambos os documentos citados há um carimbo de visto consular, este datando de 8 de janeiro de 1954, o que permite inferir que essa seja a data correta ou pelo menos a mais aproximada do desembarque. Informações coletadas de maneira informal com seus familiares apontam que a duração da viagem foi de aproximadamente um mês.

As cartas que A.C. recebeu e guardou, cujos remetentes eram seus amigos e familiares de Portugal, demonstram que entre seu meio social a emigração para o Brasil - o “Novo Mundo” - era vista de forma positiva. Em carta de 5 de dezembro de 1953, uma amiga escreveu: “Espero que se encontrem bem e que a abalada¹⁷ para o Novo Mundo seja um facto bem perto da realização”.

Figura 17 - Trecho de carta recebida por A.C. (05/12/1953)¹⁸

¹⁷ “Abalada” significa partida súbita e inesperada. “De abalada” significa prestes a partir, ou, de modo apressado ou precipitado.

¹⁸ “Espero que se encontrem bem e que a abalada para o Novo Mundo seja um facto bem perto da realização. Já há mais tempo que vos quero escrever mas esperei para mudar de [ilegível], o que só fiz no dia 1 desse mês [...]”

Espero que se encontrem bem e que a alegria de novo mundo seja um feito bem feito da realização. Já há mais tempo que vos quero escrever mas esperei para mudar de fisionão, o seu só fiz no dia 1 desti mês. Claro que não

Fonte: acervo pessoal da autora

Em outra correspondência, escrita em 20 de dezembro de 1953, uma remetente diferente da anterior anuncia: “[...] agora sei que breve vais a fazer a tua *grande viagem*”. No mesmo sentido, uma correspondência recebida em seus primeiros meses no Brasil afirma: “fez bem em ir embora”.

Villas Bôas e Padilla afirmam que a emigração para o Brasil fazia tanto parte do campo de possibilidades - ou *horizonte de expectativa* - dos portugueses que chegou a originar imagens como o “tio do Brasil”, uma figura mítica e real na maioria das famílias (2007, p. 405). Nas cartas guardadas por A.C. é recorrente a menção ou uso do termo “Madama Brasileira” para se referir à recém chegada viajante ou sua mãe.

Figura 18 - Trecho de carta recebida por A.C. (26/02/1954)¹⁹

estás mais nova? Como se tem portado a minha tia como
Madama Brasileira, optimamente claro. E os gaiatos

Fonte: acervo pessoal da autora

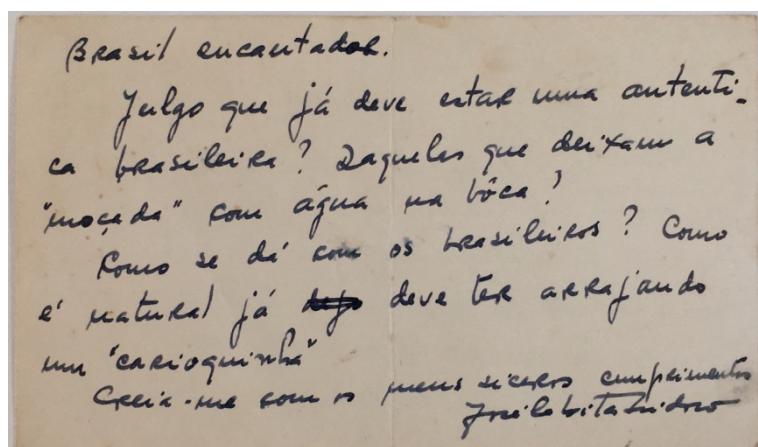
Scott (2000, p. 30-31) afirma que a figura típica do “Brasileiro” tinha bastante força na mentalidade portuguesa e era chamado assim o português enriquecido que retornava à terra natal. No contexto português, uma imagem mais característica do emigrante que partia para o Brasil esteve presente pelo menos desde o século XIX. Esse “brasileiro de torna-viagem” era um exemplo de sucesso, que, partindo para o Brasil, havia prosperado economicamente e retornara à terra natal, despertando interesse público ao redor de si. Na literatura portuguesa do século XIX, esse perfil de emigrante inspira a criação de um personagem “brasileiro”, com traços estereotipados, ostentação de suas riquezas, linguagem e vestes “exóticas” e pouca instrução. Posteriormente o Estado Novo português (1933-1974) despendeu esforços para reverter essa imagem negativa desses emigrantes, haja vista que eles contribuíam para o desenvolvimento e dinamização cultural, econômica, social e política do seu país de origem,

¹⁹ “[...] Como se tem portado a minha tia como Madama Brasileira, optimamente claro. [...]”

e, portanto, deveria ser protegido e acarinhado - além de se tornar objeto de propaganda do regime (MAIA, 2009, p. 164).

Em outra correspondência (Figura 19), o remetente escreve: “Julgo que já deve estar uma autêntica brasileira? Daquelas que deixam a ‘moçada’ com água na boca? Como se dá com os brasileiros? Como é natural já deve ter arranjado um ‘carioquinha’” (22/05/1954).²⁰

Figura 19 - Postal vindo de Estremoz, Portugal, recebido por A.C. no Brasil (22/05/1954).²⁰



Fonte: acervo pessoal da autora

Considero importante fazer a seguinte observação: nas referências bibliográficas pode-se verificar que a figura do “brasileiro” era, além do citado acima, predominantemente masculina. Não foram encontradas, durante o tempo disponível para a elaboração do trabalho, referências especificamente sobre a imagem da mulher portuguesa que partia para o Brasil, se é que ela existia tal qual a do “brasileiro”. Portanto, até o momento não foi possível afirmar com clareza se a “brasileira” e a “Madama Brasileira” são citadas nas correspondências como simplesmente uma equivalente feminina daquele personagem (com todas as suas peculiaridades) ou se elas fazem alusão a uma assimilação ou integração dos costumes da terra de destino. Ao mesmo tempo, o remetente do cartão postal (Figura 15) deixa entrever uma imagem estereotipada do brasileiro - o “carioquinha”, apesar de A.C. ter migrado para uma cidade no Rio Grande do Sul - e da brasileira - a que deixa “a moçada com água na boca”.

²⁰ “[...] Julgo que já deve estar uma autêntica brasileira? Daquelas que deixam a ‘moçada’ com água na boca? Como se dá com os brasileiros? Como é natural já deve ter arranjado um ‘carioquinha’? [...]”

4.1.2 “Apetecia-me ter asas para poder voar, para que nas horas de saudade pudesse ver todos os que estão longe”: pedagogias da saudade nas cartas de imigrantes portuguesas

A saudade é um sentimento que perpassa muitas correspondências pois sobretudo faz parte da experiência da migração. Sentir saudade é resultado da adoção de uma determinada gramática de gestos, práticas, reações, comportamentos, mas também a um conjunto de enunciados e imagens que se ligam a um contexto social e cultural (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 156). “Saudade” é uma palavra cujo significado é próprio da língua portuguesa e que conforme diz a tradição, os lusófonos sabem sentir como ninguém. Sendo Portugal o país pioneiro nas chamadas grandes navegações do século XV, trata-se de uma experiência nacional de mais de seiscentos anos de separações familiares e afastamento da terra natal.

A relação entre a saudade e a viagem parece ter sido reforçada no final do século XIX e início do XX, período de grande emigração de portugueses para outros países em busca de condições melhores de vida. Para Albuquerque Jr. (2013), esse drama coletivo que era causado pela saudade produziu uma série de experiências que eram simultaneamente individuais e coletivas, constituindo uma verdadeira escola de como sentir saudade.

Em uma carta de 26 de fevereiro de 1954, quando, então, A.C. já estava no Brasil, a remetente reflete: “Cá estou a escrever e quem me havia de dizer que ainda estes meus ‘gatafunhos’ iriam parar tão longe? Contudo é assim a vida, hoje aqui, acolá, além, mais tarde aonde? Ninguém o sabe. Apetecia-me ter asas para poder voar, para que nas horas de *saudade* pudesse ver todos os que estão longe” (26/02/1954).

As correspondências permitem que a pesquisadora perceba uma série de expressões da vida privada apresentadas por imagens controladoras da espontaneidade e da intimidade, ao mesmo tempo que comportam silêncios, rupturas, afeições e sentimentos (MALATIAN, 2009).

A carta, como uma prática de escrita, “partilha da constituição de um regime de sensibilidades/sociabilidades, ou seja, fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe” (CUNHA, 2013, p.119). De tal forma, as cartas expressam e fazem parte de comportamentos regidos por valores próprios de uma época ou grupo social no qual ocorrem ações individuais, mostrando um jogo entre indivíduo e contexto.

Correspondências foram, por muito tempo, a única maneira que muitos imigrantes tinham de manter contato com familiares e amigos que ficaram na terra natal. Passar semanas em um barco de volta não era viável para a grande maioria dessas pessoas quando a saudade

apertava, sendo a carta o único recurso para tentar estreitar a distância. A separação inerente do processo migratório suscita o sentimento melancólico que é a saudade, algo expressado com frequência nessa categoria de epistolário:

Expressar um sentimento significa conseguir comunicá-lo a um Outro, fazer passar algum sentido através dele para um outro observador. Os sentimentos implicam assim a elaboração de uma linguagem, seja mímica, seja gestual, seja icônica, seja falada ou escrita (ALBUQUERQUE JR., 2013, p.155)

Essa saudade, que foi ao mesmo tempo uma experiência individual e coletiva, é conceituada e enunciada nas correspondências, mostrando uma maneira de se relacionar com o passar do tempo e o alargamento da distância. De fato, sentir saudade envolve experiências construídas e subjetivadas, “pressupondo consciência, expressões e valores compartilhados, evocados e sentidos por meio da palavra/categoria/sentimento que lhes dá a forma, processo que resulta em uma articulação plena de significados” (MATOS; TRUZZI, 2015, p. 9), tornando-se um sentimento aprendido culturalmente e historicamente.

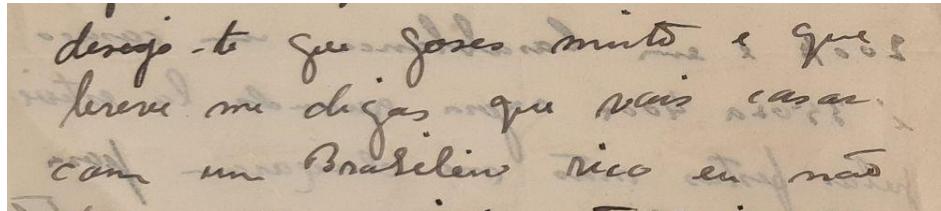
Vendo Portugal como uma verdadeira “escola de sentir saudade”, não é estranho o fato da palavra saudade ser exclusiva da língua portuguesa. Se senti-la implica em uma linguagem específica que a expresse, a saudade é, ao que tudo indica, um sentimento particular dos lusófonos. Mesmo que a nostalgia, a melancolia e o sentir falta sejam sentimentos comuns à experiência humana geral, quando nomeados por outros conceitos, adquirem outros significados: aqueles que falam português sabem que “sentir falta” e “sentir saudade”, no fundo, significam coisas diferentes.

4.1.3 “Vejo que foi o eleito do teu coração”: o amor e o casamento

Um aspecto que chama atenção é que uma quantidade significativa de vezes aparece nas cartas a curiosidade: “já tens noivo?” ou “vosmecê tem que me dizer se já namora”. Tais questionamentos feitos à destinatária, A.C., demonstram a expectativa social que se tinha em relação às mulheres, e que parecia ser comum tanto em Portugal quanto no Brasil. Não somente a expectativa de que A.C. logo se casasse, as cartas especificam que a mesma se relacionasse romanticamente com brasileiros: “como são esses brasileiros?” (26/02/1954); “Continua a dar-se bem com os brasileiros, não é verdade? Até admira como ainda se lembra dos portugueses” (09/02/1954).

Em uma carta datada de 26 de abril de 1954 a remetente escreve o que intitula este subcapítulo: “desejo-te que goses muito e que breve me digas que vais casar com um Brasileiro rico”.

Figura 20 - trecho de carta recebida por A.C. (26/04/1654)²¹



Fonte: acervo pessoal da autora

O casamento constituía uma das etapas da narrativa sentimental do amor romântico do casal. Tudo começava no flerte - aproximação entre os apaixonados - e depois partia para a consolidação de um namoro. No entanto, para que pudessem continuar essa relação, dependiam do aval dos pais - especialmente dos pais da moça. Dado o consentimento, eram os ritos do noivado que se seguiam, com a preparação para a vida a dois e, depois, casavam-se (GRASSI, 2016).

Em 05 de janeiro 1959 A.C. recebeu uma carta de sua madrinha (madrasta) inquirindo se a destinatária já tinha noivo. Chama a atenção o número de vezes em que esse questionamento se repete em cartas diferentes, levando a pensar como o casamento era parte tão marcante do horizonte de expectativa das mulheres jovens.

Grassi explica sobre o casamento no século XX que “o amor romântico é a base para o matrimônio e este, por sua vez, a condição para a felicidade. O casamento passa a ser a união entre uma mulher e um homem e nasce da livre escolha dos sujeitos envolvidos” (2016, p. 147). Assim, em 28 de março de 1959 a madrinha de A.C. comunicava o consentimento dela e do pai para o seu casamento, que aconteceu em maio do mesmo ano.

Figura 21 - Trecho de carta vinda de Portugal recebida por A.C. no Brasil ²²

²¹ “[...] Desejo-te que goses muito e que breve me digas que vais casar com um Brasileiro rico [...]”

²² “[...] Quanto ao nosso consentimento sobre o teu casamento não podíamos deixar de te dar, por varias razões, primeiro vejo que foi o eleito do teu coração e os votos que faço é que seja para toda a vida.”

*Quanto ao nosso casamento
sobre o teu casamento não podíamos
fazer de todo, por vãas
razões primas visto que foi
o eleito do teu coração e os
votos que faço é que seja
para toda a vida.*

Fonte: acervo pessoal da autora

É possível observar o citado anteriormente sobre o amor romântico ser a base do matrimônio, e se dá por livre escolha dos apaixonados, pois a remetente escreve “vejo que foi o *eleito do teu coração*”. Além disso, a expectativa de que “seja para toda a vida” - e como, confirmado pelos familiares de A.C., assim o foi. Grassi (2016) observa que sob o prisma científico, o amor romântico passa a ser questionado como sendo aquele universal ou natural, que supera todas as dificuldades. Segundo a autora, o amor é um fenômeno histórico ligado às especificidades de cada temporalidade. Ao historicizar tal sentimento, é possível encontrar camadas de tempo que se sobrepõem e se modificam, e que dizem respeito a fatores sociais, econômicos, políticos e de gênero (GRASSI, 2016, p. 144).

Não somente isso, mas o amor seria considerado ilegítimo se acontecesse fora do casamento. Assim, o imaginário era permeado de valores como a maternidade e a intimidade, redefinindo o papel da mulher para algo a ser desempenhado no âmbito doméstico (GRASSI, 2016). A autora explica ainda que o casamento permitia que a mulher atingisse sua dignidade social e, por isso, a preocupação em conquistar um marido era a mais importante na vida das mulheres.

No entanto, apesar dos desejos e expectativas de uma de suas amigas de Portugal, A.C. não encontrou para si um “brasileiro rico”. Em concordância com Koselleck, pode-se dizer que ao contrariar a expectativa de ter um noivo rico, A.C. viveu uma outra experiência casando-se com alguém que não pertencia a esse estrato social.

Na mesma carta escrita pela madrinha a autora tranquiliza a destinatária: “Quanto a ser pobre não é defeito pois que estão muito novos e tendo qualidade de trabalho é o suficiente para com o tempo tudo conseguir” (Figura 22).

Figura 22 - Trecho de carta vinda de Portugal recebida por A.C. no Brasil (28/03/1959)²³

Quanto a ser pobre não é defeito pois que estão muito novos e tendo qualidades de trabalho e o suficiente para com o tempo tudo conseguirem.

Fonte: acervo pessoal da autora

Se por um lado, conforme afirma Menezes, os casamentos intra-étnicos, ou seja, entre duas pessoas da mesma nacionalidade, colaboraram intensamente na preservação da cultura e identidade do grupo, “com as mulheres tendendo a assumir a responsabilidade pela transmissão, à sua descendência, de valores, crenças, comportamentos e costumes existentes na terra natal” (MENEZES, 2018, p. 138), por outro, o casamento de portuguesas com brasileiros pode ser visto como uma forma de integração na sociedade de destino. Favaro (2002) afirma que em Caxias do Sul, nas décadas seguintes a de 1930, as mulheres portuguesas não encontravam muitos homens portugueses na cidade para constituir família e, portanto, incorporavam em seus costumes o modo de vida dos brasileiros e ítalo-brasileiros. Além disso, as fontes analisadas permitem observar que o casamento com brasileiros fazia parte do horizonte de expectativa destas jovens portuguesas que aqui chegaram solteiras.

4.1.4 Com a palavra, as filhas e filhos: experiências de imigrantes portuguesas narradas por seus descendentes

Ao passo que o Brasil era idealizado como uma oportunidade de enriquecimento e liberdade, no dia-a-dia da maioria dos imigrantes enfrentavam muitas dificuldades: “o começo de vida desses imigrantes envolveu grandes sacrifícios, embora muitas vezes as redes sociais atuassem como amparo nos primeiros tempos [...] Longe dos sonhos, as condições de sobrevivência para esses imigrantes não correspondiam ao imaginário” (PASCAL, 2008, p. 8).

²³ “[...] Quanto a ser pobre não é defeito pois que estão muito novos e tendo qualidades de trabalho é o suficiente para com o tempo tudo conseguirem.”

288). Algumas partes da trajetória de outra imigrante portuguesa, contada por sua filha Isaura em entrevista à equipe do AHMJS em outubro de 1995,²⁴ demonstram essas dificuldades.

O pai de Isaura veio de Portugal para o Brasil sozinho em 1910, como era corrente à época. Depois - não especificado quando - ele voltou para Portugal com a finalidade de buscar o restante da família: a mãe de Isaura e seus dois irmãos - Isaura ainda não era nascida, ela nasceu em 1920 no Brasil.²⁵

Segundo Isaura, sua mãe foi muito relutante quanto à emigração:

e a minha mãe não queria vir, né? Mas ele [o pai] tanto convenceu, que ela veio. Mas quando ela chegou aqui, no outro dia já estava fazendo economia pra voltar, não gostou. [...] Quando a minha mãe veio de Portugal, que o meu pai foi buscar ela, ela ficou grávida, ela já tinha dois filhos. E ela deixou um lá. Trouxe só um para ela voltar que então ela disse: ‘Se eu deixo o filho aqui é mais fácil eu voltar.’ (BONHO, Isaura Mano. Entrevista. [outubro 1995]. Entrevistadoras: Sônia Storchi Fries; Suzana Storchi Grigoletto).

No entanto, devido à Guerra Mundial em 1914, a mãe de Isaura não pôde viajar, e então “foi ficando por aqui. [...] acabou vivendo aqui”. Assim, quando ela viu que não poderia mais voltar, mandou trazer o filho que ficara em Portugal - e que depois se tornou tanoeiro, assim como o pai. A emigração espontânea dependia das redes de sociabilidades: “como corolário, imigrantes transformaram-se em transmigrantes quando construíram em campos sociais a sociedade de origem e a de recepção, numa construção social única” (PASCAL, 2008, p. 286). Os homens vinham primeiro e quando tinham as condições de garantir trabalho e moradia para os demais, traziam ou mandavam vir o restante da família.

Isaura relata que sua mãe não teve tanta facilidade de socialização com os italianos e ítalo-brasileiros em Caxias quanto seu pai teve: “o meu pai também com os italianos se dava muito bem. Agora, a minha mãe não. A minha mãe não entendia o que eles falavam. A minha mãe ficava triste, nervosa”.

Este espaço de experiência - uma cidade brasileira onde o idioma predominante era o italiano, ou os dialetos - torna-se peculiar a estas imigrantes quando contraposto com relação a portugueses em outros locais do país: Scott (2007) afirma que, tendo o domínio da língua do país de destino, os imigrantes portugueses adquiriram certa autonomia e até vantagem em relação aos imigrantes de outras nacionalidades. Portanto, o que para muitos foi um fator de integração, para a mãe de Isaura, e talvez muitas outras, foi uma barreira para a socialização. A mesma preocupação aparece na entrevista de Marrachinho, quando ele narra o que pensava

²⁴ Que a partir deste ponto será citada entre aspas.

²⁵ Não fica claro no relato qual o primeiro lugar onde a família fixou residência no Rio Grande do Sul, se foi Farroupilha ou Caxias do Sul.

quando chegou no local: “[...] E aí, e os caras falando tudo em italiano! Vê, se não é possível! Mas o que vai acontecer comigo aqui?”.

Posteriormente, na mesma entrevista, o que Marrachinho diz a seguir abre uma possibilidade interpretativa: “Os jovens falavam tanto o italiano quanto o português, porque eles [...] eram estudantes né, da minha idade assim [...] os italianos, eram os velhos que falavam o italiano”. Isso permite inferir que a questão etária também poderia contar a favor ou contra a facilidade de inserção, adaptação e sociabilidades no local de destino, pois sua irmã Irene, como veremos adiante, teve uma experiência diferente da mãe de Isaura.

Mas a mãe de Isaura, depois de um tempo, fez uma amizade em Farroupilha - não está especificado se ela era portuguesa ou não - que a ajudou muito. As duas se visitavam todo domingo, e essa amiga a ajudava a fazer costura e a arrumar as crianças. “E depois vieram para Caxias e ficaram aqui sempre” (BONHO, 1995). A entrevistadora, Sônia, perguntou a Isaura como as mulheres se divertiam, e a entrevistada respondeu que “as mulheres acho que naquele tempo não se divertiam com nada, a não ser fazer uma visita né, [...] às vezes faziam uma comida junta”. Isaura ainda conta que enquanto as mães se reuniam, as crianças (portanto, ela) ficavam brincando na rua. Sobre isso, Stecanela e Ferreira, em estudo sobre mulheres do campo lusodescendentes e aprendizagens de gênero, afirmam que “as mulheres socializavam-se circunscritas ao espaço da casa e da família e os homens no grupo alargado de amigos” (STECANELA; FERREIRA, 2015, p. 35).

Isaura conta que sua mãe vivia certa melancolia, provavelmente por conta da saudade da terra natal. Ela e seu pai sempre falavam muito de Portugal, especialmente para o seu irmão: “parecia que só aquilo que tinha de bom, até a comida, as frutas, tudo era bom lá em Portugal. E ela contava muito de festas”.

A dificuldade, ou relutância, perante a nova morada aparentemente foi vivida também pela mãe de Marrachinho, mas ele não dá muitos detalhes. Por outro lado, sua irmã, Irene, pareceu se dar melhor; as redes de sociabilidades, desta vez fora do círculo lusitano, parecem ter favorecido na hora de arrumar um emprego:

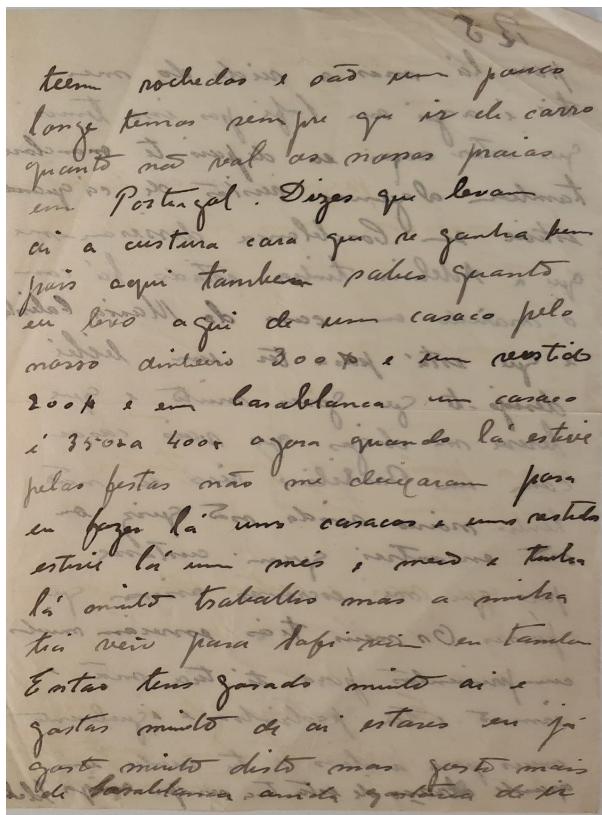
[...] e a Irene chegou e começou a trabalhar no outro dia [...] porque ela conheceu as Bolsani ali, que eram costureiras, as Bolsani mandaram serviço pra ela, mas disseram que ela fosse trabalhar no Sehbe, no Sehbe, que era na frente do Eberle, tinha confecção, o Sebben. [...] Ela nem conhecia a cidade! Ela saía de casa, dali uma semana estava lá no Sebben trabalhando de costureira. (MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. Entrevista. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries)

Caxias do Sul assistiu a uma crescente na mão de obra feminina na indústria desde a última década do século XIX. As áreas que recebiam estas trabalhadoras eram principalmente a metalúrgica, a de alimentos e bebidas e a têxtil. Além dessas, muitas mulheres também trabalhavam nos setores de comércio e serviços: “Alguns setores contratavam especificamente mulheres, como o da telefonia, no atendimento de negócios: botequins, casas de pasto e mais tarde bazares, livrarias, escritórios” (HERÉDIA, 2022, p. 310).

O trabalho na área têxtil foi algo comum entre Irene e A.C., conforme relata Marrachinho e é possível entrecruzar com carta recebida por A.C. (Figura 20): “Dizes que levam aí a costura cara que se ganha bem” (26/04/1954). A mesma informação foi confirmada por familiares de A.C. em conversa informal sobre o assunto.

Figura 23 - Trecho de carta vinda de Safi, Marrocos, recebida por A.C. no Brasil

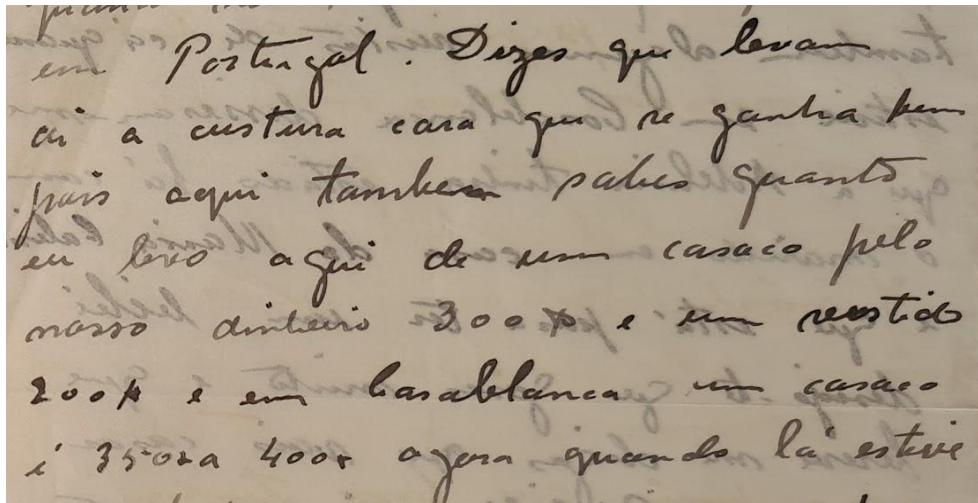
(26/04/1954)²⁶



Fonte: acervo pessoal da autora

²⁶ “[...] tem rochedos e são um pouco longe temos sempre que ir de carro quanto não real das nossas praias em Portugal. Dizes que levam aí a costura cara que se ganha bem pois aqui também sabes quanto eu levo aqui de um casaco pelo nosso dinheiro 300 [illegível] e um vestido 200 [illegível] e em Casablanca um casaco é 350 a 400 agora quando lá estive pelas festas não me deixaram para eu fazer lá um casaco e um vestido estive lá um mês e meio e tinha lá muito trabalho mas a minha tia veio para Safi vim eu também. Entao tens gosado muito ai e gostas muito de ai estares eu já gosto muito disto mas gosto mais de Casablanca [...]”

Figura 24 - Trecho ampliado da Figura 17



Portugal. Dizes que levavam
aí a cultura cara que se jantava bem
mais aqui também valia quanto
eu levei aqui de um casaco pelo
meu dinheiro 2000 e um vestido
2000 e em Casablanca um casaco
i 3500 a 4000 agora quando lá estive

Fonte: acervo pessoal da autora

No entanto, em Caxias do Sul, imigrantes ou não, “as mulheres que haviam decidido extrapolar os ambientes domésticos nem sempre tinham a possibilidade de optar por profissões mais audaciosas, que implicavam sair de casa para buscar formação profissional” (HERÉDIA, 2022, p. 315).

4.2 “GEOGRAFIA DAS LEMBRANÇAS”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como foi possível observar através das fontes documentais, o horizonte de expectativas para as mulheres, fossem as mais jovens ou não, era circunscrito ao âmbito familiar: casamento, filhos, afazeres domésticos, etc. Dentro do *corpus* documental analisado, apenas duas cartas fazem menção ao trabalho (26/04/1954; 28/03/1959); ao mesmo tempo, nenhum remetente mencionou algo sobre estudos. Marrachinho faz a comparação entre dois conterrâneos, um irmão e uma irmã, que também migraram para Caxias do Sul: “[...] ele realmente evoluiu no estudo, né? Já a irmã dele [...] simplesmente tornou-se dona de casa, casou, tornou-se dona de casa, não foi adiante em termos de estudo” (MARRACHINHO, 2006).

É problematizado por Herédia (2022) que a mulher teve seu papel desvalorizado e nem sempre reconhecido, mesmo sendo essencial nas diversas instituições das quais participou: a família, o cuidado da propriedade, a manutenção do *status quo*. Responsabilidades e obrigações múltiplas lhes eram atribuídas, mas tinham sempre que lutar para conquistar algum reconhecimento perante tudo o que faziam. Ainda, Menezes (2018) lembra que nas famílias de imigrantes portuguesas, cabia às mulheres a transmissão dos usos, costumes e valores para

as gerações vindouras, tornando-se agentes importantes da reinvenção da portugalidade no Brasil. Se “em vários aspectos, essa cadeia reprodutivo-cultural era interrompida, quando um português casava-se com brasileira ou estrangeira de outra nacionalidade” (MENEZES, 2018, p. 139), em Caxias do Sul, será que a inversão dos “papéis” do homem e da mulher nesta dinâmica de casamento (portuguesas casando com italianos ou ítalo-brasileiros), nessa situação, pode ter tido o mesmo resultado?

Alguns ideais, ou expectativas, eram passados entre gerações. A começar pela própria “abalada para o Novo Mundo”, passando pelo namoro, noivado e casamento, preferencialmente com um brasileiro, e que se fosse rico, melhor ainda. Para as jovens que chegavam solteiras, como foi o caso de A.C., o casamento era, portanto, algo esperado pelos envolvidos em suas redes de sociabilidades e, visto, pode-se dizer, até como forma de ascensão social. A realidade, no entanto, foi de uma vida onde o casal tivera que trabalhar para sobreviver e sustentar os filhos até que estes tivessem idade para o trabalho.

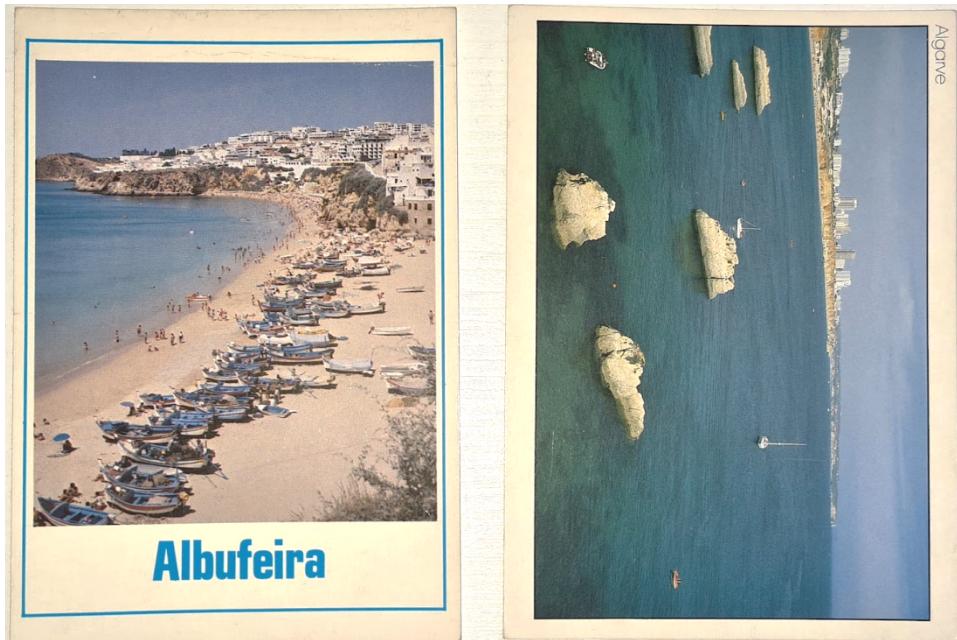
O silêncio sobre outras atividades como, por exemplo, os estudos, também permite visualizar um panorama do que era ou não cogitado para essas mulheres. Pascal (2008, p. 285) afirma que o estudo não era visto como prioridade para as meninas, pois elas deveriam aprender e desempenhar seus papéis sociais na vida doméstica ou nas atividades rurais familiares, voltadas para o mundo privado.

Apesar de não estarem incluídas no rol de fontes analisadas para esse capítulo, considero importante citar as dezenas de fotografias que compõem os guardados de A.C. Grande parte dessas fotografias eram de amigos e familiares que as enviavam. Schapochnik afirma que subjaz nessas fotografias um forte investimento emocional e afetivo:

Resistindo à aceleração do tempo, elas proporcionam uma orientação para a memória num contexto que tende a ser fragmentário e dispersivo. Por meio de poses e instantâneos que contribuem para a fixação da auto-imagem de indivíduos e grupos familiares, vamos acompanhar os registros de alguns ritos da vida privada e de alguns padrões de sociabilidade. (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 547).

Também compõem esses guardados uma série de cartões postais de diferentes localidades portuguesas, em especial de Algarve, que era onde A.C. vivia antes de partir. Esses cartões postais servem, segundo Schapochnik, como um mapa com a geografia das lembranças.

Figura 25 - Cartões postais de Albufeira e Algarve (data aproximada: 1990)



Fonte: acervo pessoal da autora

A escrita de um cartão postal implica que o indivíduo se desenvolva em sua subjetividade, pois ele comunica um desejo

de se inscrever na paisagem impessoal mediante a escolha de uma imagem que expresse um vínculo aninhante, um elo de pertença, sobrecarregado ainda por um apelo que demanda reconhecimento: “Eu existo, eu estou aqui, eu penso em você, gostaria que você se lembrasse de mim” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 425).

Diante da possibilidade analítica proposta por Koselleck, o horizonte de expectativa e o espaço de experiência são adequados “também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.” (KOSELLECK, 2006, p. 308). Assim, os movimentos migratórios de Portugal para o Brasil, ou, mais especificamente para Caxias do Sul, geraram nas portuguesas citadas aqui uma série de expectativas, estas, baseadas em experiências anteriores de imigração, como já vem sendo discutido nesta pesquisa. No entanto, “na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento” (KOSELLECK, 2006, p. 309).

As perguntas feitas no presente para as cartas e relatos orais possibilitam rastrear representações sociais, expectativas, experiências e sociabilidades das imigrantes. Conforme foi evidenciado ao longo do capítulo 4, as expectativas e as experiências dessas mulheres sobre a migração nem sempre convergiram, fazendo com que elas buscassem maneiras de se adaptar à nova realidade. Para cada resposta - e esta, nunca estática - , abre-se um leque de

novas perguntas, instigando a historiadora a investigar cada vez mais a fundo tais questões, dificilmente vendo um esgotamento no campo de possibilidades de pesquisa. Porém, faz-se necessário dar algum tipo de encerramento às indagações atuais. Mas esse encerramento é, sabe-se, provisório, diante da diversidade de perguntas que os fragmentos das trajetórias dessas imigrantes portuguesas suscitarão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu me lembro de uma aula que tive em 2019 na graduação em História na UCS, Fundamentos Teóricos de Patrimônio Cultural, na qual a professora chamou a atenção para uma coisa que até então eu jamais havia reparado. Ela questionava o uso do termo “arquivo morto” para fazer menção aos documentos guardados naquele tipo de pasta de polipropileno. Como historiadoras, nossa função social é, também, enxergar a vida contida em muitas fontes que foram arquivadas, despachadas, esquecidas. Portanto, como aqueles arquivos podem ser mortos se eles têm o potencial de nos permitir contar histórias?

Com esse incômodo indo e voltando na minha mente eu passei a ver um arquivo familiar com o qual tive contato com outros olhos. O que antes era “apenas” uma memória afetiva, familiar, de alguém que já partira, passou a ser uma nova possibilidade historiográfica quase inédita: as mulheres portuguesas em Caxias do Sul.

Conforme foi problematizado ao longo desta dissertação, as memórias da imigração portuguesa, assim como as vivências de imigrantes portuguesas - com o recorte do feminino - não tinham encontrado uma escuta equivalente àquela proporcionada à imigração italiana cuja presença ocupa espaço preponderante nas narrativas sobre migrações na cidade. Mas, como afirma Campos (2003, p. 207), “o rizoma social vive fincado em territórios que se fraturam, que deslizam feito placas tectônicas”. Imbuída dessa questão, dei início a um projeto de pesquisa que se desenvolveu até virar dissertação.

Durante pelo menos a primeira metade do século XX e ultrapassando alguns anos, os portugueses e portuguesas que migraram para Caxias do Sul não ficaram alienígenas à “cidade italiana”: participaram da sociedade, da economia, da indústria, da cultura, da política... E a construção de um processo identitário esteve diretamente relacionado às marcas que foram deixadas na cena local. O Bairro Lusitano, a Associação dos Tanoeiros e as greves, o Esporte Clube Lusitano e as festas que movimentavam a comunidade, os prédios projetados que ainda hoje estão de pé, são algumas dessas marcas. Mas como a memória de uma cidade é, pode-se dizer, composta de camadas, deslizamentos acontecem e alguns estratos acabam por ser soterrados. No caso de Caxias do Sul, alguns estudos mostraram como a junção de empresários, intelectuais, políticas culturais e de desenvolvimento e, por fim, representações simbólicas, resultaram numa valorização da italianidade.

Machado (2002), ao afirmar que até a década de 1950 a fisionomia da população era constituída de “italianos” (descendentes) sem abrir um parênteses, é possível observar uma narrativa que privilegia um grupo e invisibiliza outros. Truzzi (2016) mostra que as

construções sociais sobre o italiano, positivas ou não, partem de interessados na (in)visibilidade e na (des)valorização da italianidade. Um grupo importante desses agentes são os próprios imigrantes e seus descendentes, que selecionam conteúdos para a construção da memória. Ainda segundo o autor, a afirmação de uma identidade étnica não depende somente da agência de indivíduos ou de grupos, mas também de processos estruturais que oferecem conteúdos identitários. O que fomentou a formação dessa identidade, no caso dos italianos, foram as relações de alteridade na terra de destino, fazendo com que surgisse um sentimento agregador de italianidade nascido, primeiramente, no Brasil. Mas as evidências deixaram entrever que os espaços de memória têm grande potencial de se tornarem espaços de disputa. Assim, é possível afirmar que a questão da imigração em Caxias do Sul é rodeada de memórias “fortes” e memórias “fracas” (TRAVERSO, 2007). Isso ressoa na historiografia, ao passo que, quanto mais força tem uma memória, mais ela é suscetível de ser transformada em história - não numa situação de apenas causa e efeito, mas sim definida por diferentes contextos e múltiplas mediações possíveis em seu tempo.

Se as memórias da imigração portuguesa, de um modo geral, podem ter sido soterradas, as da presença portuguesa feminina foram, visíveis a partir da pesquisa realizada, mais soterradas ainda. E para acessar essas memórias, investigar quais foram as vivências de algumas dessas mulheres, recorri aos arquivos pessoais e às entrevistas disponíveis no Arquivo Histórico Municipal. Diante do desafio da irrecuperabilidade do passado, restou encontrar indícios nos documentos e demais objetos que permitissem a elaboração de uma narrativa sobre o passado.

Os arquivos pessoais, mesmo que de difícil acesso em algumas situações, foram de grande valia para a elaboração de uma narrativa que privilegia um dado protagonismo feminino. Os ego-documentos e objetos biográficos neles contidos são portadores de sensibilidades, costumes, práticas, sociabilidades e vivências. E não só a produção desses documentos constitui uma prática social, como sua guarda também.

Não consigo evitar de enxergar além da metodologia historiográfica e ver também a beleza contida nesse tipo de documento. Sem romantizações, vejo que esses arquivos pessoais contêm vida. Contêm o acontecer da vida comum. Abrem a possibilidade de participação numa História que até não muito tempo atrás era contada pelas mesmas pessoas de sempre, sobre as mesmas pessoas de sempre. Assim, o arquivamento de si - intencional ou não - acaba se tornando um ato de resistência do qual nos beneficiamos, pois ele se torna um ponto de partida para reinventarmos outros presentes. Nas palavras de Schapochnik (1998), a evocação da memória é uma esmagadora oportunidade poética.

Deparado com a vertiginosa passagem do tempo, o arquivamento de si acontece quando há o desejo de guardar objetos e papéis ordinários que digam: “eu existo, eu existi, eu estive aqui”, na expectativa de que seus guardados vivam mais do que si. É como descreve Clarice, quando por vezes nos olhamos no espelho: “[...] alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: *ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo*” (LISPECTOR, 2018, p. 11, grifo nosso).

Ao meu ver, é possível tornar mais visíveis os pequenos detalhes, dependendo de como olhamos para eles. O olhar sensível não vê apenas papéis velhos, óculos e roupas usadas, fotos guardadas. Documentos ordinários e objetos biográficos, aparentemente mudos, começam a interpelar historiadoras para a possibilidade de elaboração de perguntas e construção de uma narrativa histórica nutrida da vida comum. Neles muitas vezes se encontram lembranças, traduzidas em memória, e que ao serem historicizadas passam pela construção de uma narrativa exposta às ameaças do esquecimento, mas também confiada à guarda da História.

Afinada com Koselleck, reconheço neste trabalho que os vestígios transformados aqui em fonte por meio de minhas interrogações não fizeram emergir uma história idêntica a eles. Com isso quero dizer que as fontes analisadas - desde os jornais, as entrevistas, até as cartas e cartões postais - não são portadoras da Verdade - com artigo definido na frente e inicial maiúscula: “uma fonte não pode nos dizer nada daquilo que cabe a nós dizer” (KOSELLECK, 2006, p. 188). As fontes são, com efeito, algo que nos impede de dizer algo que não poderia ser dito. Elas interditam interpretações falsas ou inadmissíveis.

A oportunidade poética de evocação das memórias permite observar a particularidade de documentos produzidos por imigrantes. A viagem realizada é ao mesmo tempo real e metafórica, porque é um momento de passagem, de mudança de status profissional, mental, existencial e cultural. Tomar consciência da nova realidade é, na maior parte do tempo, conciliar o antigo, a novidade e a saudade. Referenciar o passado se torna uma forma de construir a memória em comum entre vários imigrantes, mas também individual; adere-se afetivamente a essa prática. E essa referência ao passado se dá não somente através das histórias contadas de geração em geração, mas também pela memória material desses sujeitos: o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo.

Enquanto impulsionadas pela curiosidade, pela esperança, pelo medo, pelos desejos e vontades, as decisões tomadas por estas mulheres de imigrar, morar, casar, trabalhar, entre outras, não movimentavam só suas vidas pessoais. Essas decisões passaram a constituir suas experiências individuais mas, também, de certa forma, coletivas, ao mesmo tempo que suas

expectativas - de imigrar, morar, casar, trabalhar - eram nutridas de experiências vividas por pessoas de gerações anteriores e de suas próprias gerações. Assim, para Koselleck (2006, p. 312), “a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas”. Recolhidas as experiências, elas puderam reelaborar as expectativas.

Essa dissertação foi apenas um começo, uma conjectura, na qual vi se abrirem diversas possibilidades de pesquisa que eu espero um dia serem contempladas pela historiografia local. Como era o cotidiano das famílias portuguesas que por aqui chegavam? Quais foram as dinâmicas que propiciaram a formação e apagamento do Bairro Lusitano? Houve uma perpetuação da cultura lusitana? Como? Onde mais é possível encontrar traços da presença portuguesa em Caxias do Sul? Esses são alguns questionamentos que surgiram no decorrer desta pesquisa. As fontes documentais são perpassadas por diferentes temporalidades que, como explica Chartier (2009), fazem com que o presente seja o que é: cheio de heranças e rupturas, invenção e inércia, e que nos motiva a perguntar.

Eu começaria esse último parágrafo com “Por fim”, mas sinto que essa expressão seria como colocar uma pedra em cima de algo que não se esgotou ainda (e talvez não se esgote jamais). No momento me afasto desta pesquisa com algumas perguntas respondidas, mas tantas outras que surgiram no meio do caminho parecem aguardar um vir-a-ser. Entre as linhas da teoria, do empirismo e da sensibilidade tentei alinhavar este trabalho, mas ciente de que esta trama ainda pode receber muitas contribuições.

REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. La sociabilidad como categoria historica. In: PEREIRA, Teresa (org.). **Formas de sociabilidad en chile 1840-1940**. Santiago: Fundação Mario Góngora, 1992. p.1-10.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto. 2008. p. 155-202

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d’Oliveira. **Revista História Hoje**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 149-174, 2013. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/95>. Acesso em: 1 nov. 2020.

AMELANG, James. Apresentação do dossiê "De la autobiografia a los ego-documentos: un fórum abierto". In: **Revista Cultura Escrita & Sociedad**, n.1. Gijón, Espanha: Ediciones Trea, 2005. Disponível em: <http://www.siece.es/siece/revista/revista_numero1.html>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida, Estudos Históricos RJ; FGV, Vol. 21, 1998. p. 9-34.

ASSESSORIA DE IMPRENSA - SETUR. Idealizador da Festa da Uva, Joaquim Pedro Lisboa deixou grande legado para a comunidade caxiense. **Prefeitura de Caxias do Sul**, Caxias do Sul, 20 jan. 2012. Disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/noticias/2012/01/idealizador-da-festa-da-uva-joaquim-pedro-lisboa-deixou-grande-legado-para-a-comunidade-caxiense>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

CUNHA, Maria Teresa Santos, BASTOS Maria Helena Camara e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.) **Destino das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

BARRETO, Vicente; PINHEIRO, Paulo César. **Na volta que o mundo dá**. Intérprete: Mônica Salmaso. 1998. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/monica-salmaso/197077/>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. 29-46

BLAS, Verónica Sierra. "Puentes de papel": apuntes sobre las escrituras de la emigración. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 121-147, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22699.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê

Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p.183-191.

BRANCHI, Ana Lia Dal Pont. **A etnização em Caxias do Sul**: a construção da narrativa da "diversidade" no desfile da Festa Nacional da Uva de 2014. 2015. 159 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1105>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

CAMPOS, Émerson César de. **Territórios Deslizantes**: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002). Orientador: Maria Bernardete Ramos. 2003. 235 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/85311>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

CANAL, Jordi. Maurice Agulhon e a categoria sociabilidade. **Ler História**, n. 68, p. 1-10, dez. 2015.

CASTILLO GÓMEZ, António (Coord.). **Historia de la cultura escrita**: Del Proximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada. Madrid: Ediciones Trea, 2002.

CASTILLO GÓMEZ, António; BLAS, Verónica Sierra. **Mis primeros pasos**: Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX). Madrid: Ediciones Trea, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: Cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul/dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37036/22828>>. Acesso em: 1 fev. 2021

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des)Arquivar**: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. Florianópolis: Rafael Copetti, 2019.

BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). **Destinos das letras, história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2002.

FAVARO, Cleci Eulalia. De Bairro Lusitano a Zona Tronca: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1911-1931). **História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 3, p. 263-286, 2002. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5123>>. Acesso em: 11 mai. 2021.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Revista do Arquivo Nacional**. Rio de

Janeiro, v. 9, n.1 e 2, p.17-30, jan./dez. 1996.

GOMES, Ângela de Castro. Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasiliade. In: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 161-177. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2021.

GONÇALVES, Janice. Lugares de memória, memórias concorrentes e leis memoriais. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.7, n.13, jul./dez. 2015. p. 15-28.

GRANGEIA, Mario Luis. Memórias e direitos na imigração portuguesa no Brasil do século XX. **História**, São Paulo, v. 36, ed. 16, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v36/1980-4369-his-36-e16.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

GRASSI, Pâmela Cervelin. **"Quando nos despedimos, já estava com saudades dele"**: amor romântico e casamento nos recônditos femininos (1946-1972, Caxias do Sul/RS). Orientador: Maria Teresa Santos Cunha. 2016. 221 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2229/dissertacao_pamela_cervelin_grassi_completo.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

GRUPO Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação GARPE/CNPQ. **Arquivos Pessoais**, 2022. Disponível em: <<https://www.arquivospessoais.com/>>. Acesso em: 1 jun. 2022.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. Mulheres na zona de colonização italiana no sul do Brasil. In: SCOTT, Ana Silvia Volpi; CARDOZO, José Carlos da Silva; SILVA, Jonathan Fachini da (org.). **História das mulheres no Brasil Meridional**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2022. v. 9, p. 299-320. *E-book*.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar História e Memória? **Escritos**: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, [s. l.], ano 1, n. 1, p. 223-235, 2007. Disponível em: <http://casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=346&ID_M=2064>. Acesso em: 9 abr. 2021.

KLEIN, Cleci Eulalia Favaro. **De "Bairro Lusitano" a "Zona Tronca"**: a presença dos portugueses em Caxias do Sul (1991-1931). Orientador: Prof. Dr. René Ernaini Gertz. 1984. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto. 2008.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade**: Caxias do Sul - 1875/1950. Caxias do Sul: Maneco. 2001.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (coord.). **Mirante**: Cantina Antunes. Caxias do Sul: Maneco, 1999.

MAE, Valter Hugo. **a máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MAIA, Fernanda Paula. Os “brasileiros” de torna-viagem e as relações Portugal Brasil na década de 1930: estudo de caso. In: SOUZA, Fernando de et al, (org.). **Nas Duas Margens: Os Portugueses no Brasil**. Porto: CEPSE/Edições Afrontamento, 2009. p. 163-175. Disponível em: <<https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/nas-duas-margens.-os-portugueses-no-brasil>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011

MARTINS, Ismênia de Lima; CORTE, Andréa Telo da. Imigração, cidade e memória. In: AZEVEDO, Cecília et al, (org.). **Cultura Política, Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 117-132.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. São Paulo: e-Manuscrito. 3^a ed. 2019.

MATOS, Maria Izilda Santos et al, (coord.). **Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto: CEPSE, 2014. Disponível em: <<https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/portugal-e-as-migracoes-da-europa-do-sul-para-a-america-do-sul>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MATOS, Maria Izilda Santos de et al, (coord.). **Deslocamentos & Histórias**: os portugueses. Bauru: Edusc, 2008. Disponível em: <<https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/deslocamentos-e-historias-os-portugueses>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MATOS, Maria Izilda Santos de; MENEZES, Lená Medeiros de. Dores das Saudades: Mulheres Portuguesas, Deslocamentos e Sensibilidades. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 476, p. 15-37, 2018. Disponível em: <é uma forma de compartilhar vivências>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MATOS, Maria Izilda Santos de; MENEZES, Lená Medeiros de. **Gênero e imigração**: Mulheres portuguesas em foco (Rio de Janeiro e São Paulo - XIX e XX). São Paulo: e-Manuscrito, 2017.

MATOS, M. Izilda S.; TRUZZI, Oswaldo. **Presença na ausência**: cartas na imigração e cartas de chamada. **História Unisinos**, v. 19, p. 338-347, 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2015.193.06>>. Acesso em: 21 fev. 2021

MENEZES, Lená Medeiros. Teias matrimoniais e negociais: Portugueses no Rio de Janeiro a partir do estudo de casos. **Revista del CESLA**, n. 22, p. 135-152, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/2433/243360086007/html>>. Acesso em: 02 mai. 2022

MOCELLIN, Maria Clara. **Trajetórias em rede**: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul. 2008. 207p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas,

SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280358>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

MORIN, Violette. L'objet biographique. **Communications**, Paris, n. 13, p. 131-139, 1969. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1969_num_13_1_1189>. Acesso em: 19 abr. 2021.

NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. **A formação urbana de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 4 jan. 2021

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. Imigração portuguesa em São Paulo: memórias, gênero e identidade. In: SOUZA, Fernando de; MATOS, Maria Izilda; HECKER, Alexandre (coord.). **Deslocamentos e Histórias: Os Portugueses**. Bauru: EDUSC, 2008. p. 283-291. Disponível em: <<https://www.cepese.pt/portal./en/publications/works/deslocamentos-e-historias-os-portugueses>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PEREIRA, Syrléa Marques. As mulheres imigrantes e suas “caixinhas de lembranças”: memórias, fotografias e história. In: VENDRAME, Maíra et. al. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: OIKOS, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 1 fev. 2021.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade** [online]. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/z8477>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

RICOEUR, Paul. A luta pelo reconhecimento e a economia do dom. Tradução de Cláudio Reichert do Nascimento e Noeli Dutra Rossatto. **Éthic@**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 357-367, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSATO, Luciana; CUNHA, Maria Teresa Santos. Vetores para uma escolha: História do Tempo Presente e as pesquisas discentes no PPGH/UDESC. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 162 - 185. jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309202017162>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando (coord.). **História da Vida Privada no Brasil: República**: da Belle Époque à Era do Rádio. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 423-512.

SCHLEDER, Adriana dos Santos. **A Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul/RS: O**

discurso para além das palavras. 2009. 128 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/4876>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

SCHÜTZ, Karla Simone Willemann. **Um historiador entre-lugares:** a historiografia catarinense e a trajetória de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (1963-2010). Orientadora: Maria Teresa Santos Cunha. 2020. 266 p. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/4549/Karla_Simone_Willemann_Schutz_Tese_16139901068386_4549.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2021.

SILVA, Túlio dos Reis. **A história do Crescimento Urbano de Caxias do Sul:** do Milagre Econômico à Redemocratização. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. Uma história de despedidas: a emigração portuguesa para o Brasil (1822 - 1910). **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n.27, p.29-56, abr. de 2000

SCOTT, Ana Sílvia Volpi. A imigração portuguesa para o Brasil a partir de uma perspectiva microanalítica. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 117-122, jan./ abr. 2007. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5884>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SILVA, Túlio dos Reis da. **A história do crescimento urbano de Caxias do Sul:** do milagre econômico à redemocratização. Caxias do Sul: EDUCS, 2018. 250 p.

STECANELA, Nilda; FERREIRA, Pedro Moura. **Mulheres do Campo e Aprendizagens Culturais de gênero.** Curitiba: CRV, 2015.

TRAVERSO, Enzo. Historia y memoria. Notas sobre un debate. In: FRANCO, Marina; LEVIN, Florêncio. **Historia reciente:** perspectivas y desafíos para un campo en construcción. Buenos Aires: Paidós, 2007, p.67-96.

TRUZZI, Oswaldo M. S. **Italianidade no interior paulista:** Percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950). São Paulo: Editora Unesp, 2016. 137 p.

VENDRAME, Maíra Ines. Micro-história e história da imigração: pensando o problema do equilíbrio e da complexidade. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, jul./set. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5965/2175180310252018267>>. Acesso em: 4 jan. 2021.

VILLAS BÔAS, Maria Xavier; PADILLA, Beatriz. Rumo ao Sul: Emigrantes portugueses no sul do Brasil. In: SOUSA, Fernando de (coord.). **A Emigração Portuguesa para o Brasil.** Porto: CEPSE/Edições Afrontamento, 2007. p. 401-415. Disponível em: <<https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/a-emigracao-portuguesa-para-o-brasil>>. Acesso em: 1 maio 2021.

APÊNDICE A - RELAÇÃO DE FONTES DOCUMENTAIS CITADAS

BONHO, Isaura Mano. **Entrevista**. [outubro 1995]. Entrevistadoras: Sônia Storchi Fries, Suzana Storchi Grigoletto.

CLUB Luzitano. **O Regional**: Caxias do Sul, ano 2, n. 25, 20 jun. 1927. Noticiário. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24286&p=0>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

CLUB Luzitano. **Caxias**: Caxias do Sul, ano 1, n. 2, 11 jun. 1927. Registro Social, p.6. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=63071&p=0>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GREVE parcial de tanoeiros. **O Regional**: Caxias do Sul, ano 3, n. 6, 6 fev. 1928. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24298&p=0>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

MARRACHINHO, Faustino Gonçalves. **Entrevista**. [abril 2006]. Entrevistadora: Sônia Storchi Fries.

O DR. Getulio Vargas visita esta cidade. **O Regional**, Caxias do Sul, ano 3, n. 16, p. 2, 23 abr. 1928. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24308&p=0&Miniatura=false&Texto=false>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

O GRANDE estabelecimento vinícola da firma Luiz Antunes & Cia. está sendo dotado de importantes melhoramentos. **O Momento**, Caxias do Sul, ano 18, p. 2, 15 jun. 1933. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24409&p=1&Miniatura=false&Texto=false>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

S. C. Luzitano. **O Popular**: Caxias do Sul, ano 1, n. 20, 25 jun. 1927. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=51725&p=0>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

**APÊNDICE B - RELAÇÃO DE FONTES DOCUMENTAIS UTILIZADAS NOS
CAPÍTULOS 2, 3 E 4**

Acervo	Tipologia	Data	Descrição
AHMJSA	Entrevista (transcrição)	1995	Entrevista com Isaura Mano Bonho
AHMJSA	Entrevista (transcrição)	2006	Entrevista com Faustino Gonçalves Marrachinho
Arquivo pessoal/familiar	Autorização	17/10/1953	Autorização do pai de A.C. para deixar Portugal
Arquivo pessoal/familiar	Carta	05/12/1953	Carta trazida de Portugal por A.C.
Arquivo pessoal/familiar	Carta	20/12/1953	Carta trazida de Portugal por A.C.
Arquivo pessoal/familiar	Anotações	01/01/1954	Folha de papel com instruções de tricô
Arquivo pessoal/familiar	Atestado	06/01/1954	Atestado de saúde para permanentes (A.C.)
Arquivo pessoal/familiar	Declaração	08/01/1954	Declaração de A.C. de que nunca praticou atos criminosos
Arquivo pessoal/familiar	Carta	09/02/1954	Carta vinda de Portugal recebida por A.C. no Brasil
Arquivo pessoal/familiar	Carta	26/02/1954	Carta vinda de Coimbra, Portugal, recebida por A.C. no Brasil
Arquivo pessoal/familiar	Carta	24/04/1954	Carta vinda de Portugal recebida por A.C. no Brasil
Arquivo pessoal/familiar	Carta	26/04/1954	Carta vinda de Safí, Marrocos, recebida por A.C. no Brasil
Arquivo pessoal/familiar	Cartão postal	22/05/1954	Cartão postal vindo de Estremoz, Portugal, recebido por A.C. no Brasil.
Arquivo pessoal/familiar	Carta	05/01/1959	Carta vinda de Portugal recebida por A.C. no Brasil
Arquivo pessoal/familiar	Carta	28/03/1959	Carta vinda de Portugal recebida por A.C. no Brasil (consentimento para casamento)
Arquivo pessoal/familiar	Fotografia	02/05/1959	Fotografia do casamento de A.C. e seu marido com dedicatória no verso